



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**RAYSSA SAMARA SANTOS VALENÇA DE SÁ**

**O OLHAR DA ARISTOCRACIA ECLESIAÍSTICA ESCOCESA SOBRE  
AS GUERRAS DE INDEPENDÊNCIA (1296 - 1320)**

**São Cristóvão - SE**

**2024**

**RAYSSA SAMARA SANTOS VALENÇA DE SÁ**

**O OLHAR DA ARISTOCRACIA ECLESIAÍSTICA ESCOCESA SOBRE  
AS GUERRAS DE INDEPENDÊNCIA (1296 - 1320)**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de História da Universidade  
Federal de Sergipe (UFS) como requisito para o  
título de Graduação em História Licenciatura.**

**Orientador: Bruno Gonçalves Alvaro**

**São Cristóvão - SE**

**2024**

Dedico esta monografia a Lucky, Pérola, Bianca e Dragon, os amores mais puros que já conheci. O céu não é o limite para o amor e a gratidão que sinto por ter tido a oportunidade de tê-los como meus melhores amigos.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, que me proporciona, o tempo todo, a coragem e a fé para continuar seguindo os caminhos da vida. Quero agradecer aos meus pais por cuidarem de mim e por sempre acreditarem nos meus sonhos. Sem eles, não teria conseguido. Agradeço pelas palavras de incentivo nos momentos mais difíceis, pelo acalento, pela garra e coragem que tiveram para cuidar das duas meninas da vida de vocês.

Agradeço à minha irmã, que sempre esteve ao meu lado, acreditando em mim quando nem eu mesma acreditava, sempre cuidando de mim e sendo a irmã mais velha, mais valente, corajosa e resiliente que eu poderia ter.

Sou grata à minha avó e ao meu tio José, assim como a toda a minha família, que sempre trazem alegria por onde passam.

Agradeço a Gui, meu melhor amigo, confidente e amor. Agradeço o apoio, pelas palavras de conforto, pelos conselhos. Saiba que os seus conselhos são dos melhores e que, em todo esse momento, apesar dos medos e das confusões, enfrentei-os corajosamente porque, enquanto você estiver ao meu lado, sei que é possível.

Não poderia deixar de mencionar os meus amigos da UFS: Ygor, meu cúmplice e companheiro nas jornadas e descobertas da universidade. Quero mencionar também as minhas amigas Amélia e Suelen, que sempre me ensinam e me encorajam cada vez mais. Quero agradecer a Aysllan e Thayemille pelas risadas, fofocas e aprendizados. Obrigada por me escolherem para compartilhar esse momento de nossas vidas desde o primeiro dia. Quero agradecer também à minha turma, todos foram muito importantes e especiais, e cada um marcou um pedacinho dentro de mim.

Agradeço a Bruno Gonçalves Alvaro, o melhor professor orientador que eu poderia ter. Obrigada por acreditar em mim e na minha capacidade, obrigada pelas palavras de incentivo e orientação, que foram muito importantes para a conclusão desta pesquisa. Obrigada pelos ensinamentos.

Quero agradecer ao grupo de pesquisa Dominium, que, em meio às leituras, reuniões e debates, me ajudou a encontrar o meu objeto de pesquisa, tão importante para este momento. Não posso deixar de mencionar Rafael Costa Prata e agradecer a alegria, simpatia e gentileza. Sua recepção significou muito.

Por fim, agradeço a mim mesma, pela minha coragem e resiliência, por ter acreditado, por ter tido fé e paciência. Todas essas pessoas citadas me ajudaram profundamente, mas, sem

mim, sem a minha coragem, nada seria possível. Sei que os meus sonhos não são raros em meio a este grande mundo, mas sei que há algo que as adversidades e dificuldades nunca vão tirar: eu mesma.

## RESUMO

DE SÁ, Rayssa Samara Santos Valença. O olhar da aristocracia eclesiástica escocesa sobre as guerras de independência (1306-1320). Sergipe, 2023 Monografia. – CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas) Departamento de História (DHI), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Sergipe, 2024.

O presente trabalho trata da história da Escócia durante o período medieval, especificamente no contexto das Guerras de Independência contra a Inglaterra, ocorridas entre 1296 a 1346. Essas guerras são divididas em três fases. A primeira, de 1296 a 1305, foi liderada por William Wallace, um herói popular oriundo de uma família de pequenos aristocratas. A segunda fase, de 1306 a 1328, teve à frente Roberto Bruce, membro de uma influente família escocesa, que acabou sendo posteriormente coroado rei da Escócia. A terceira fase, de 1332 a 1346, foi comandada por membros da aristocracia. O foco deste trabalho está nos dois primeiros momentos do conflito e nas figuras de Wallace e Bruce, explorando as suas relações com os reis ingleses Eduardo I e o seu filho, Eduardo II. O objetivo principal é discutir as dinâmicas de poder entre as aristocracias laicas e clericais da Escócia, bem como compreender o imaginário da aristocracia eclesiástica em relação aos ingleses e a Roberto Bruce. As bases teóricas para o estudo incluem os trabalhos de Prestwich (2003), Scott (2014) e Barreira (2021). Conclui-se que as relações entre escoceses e ingleses, assim como o imaginário construído, estão profundamente ligadas aos mitos escoceses, ao roubo e à destruição de seus objetos simbólicos, bem como à devastação de suas terras. A busca por um herdeiro para consolidar a negação do domínio inglês sobre as terras escocesas influencia o imaginário em torno da figura de Roberto Bruce.

**Palavras-chave:** Escócia; Guerras de independência; Idade Média; Inglaterra.

## ABSTRACT

This study examines the history of Scotland during the medieval period, specifically focusing on the Wars of Independence against England, which took place between 1296 and 1346. These wars are divided into three phases: the first, from 1296 to 1305, was led by William Wallace, a popular hero from a family of minor aristocrats; the second, from 1306 to 1328, was led by Robert Bruce, a member of an influential Scottish family, who was later crowned King of Scotland; and the third phase, from 1332 to 1346, was commanded by members of the aristocracy. This study focuses on the first two phases of the conflict and on the figures of Wallace and Bruce, exploring their relationships with the English kings Edward I and his son, Edward II. The main objective is to discuss the dynamics of power between the secular and clerical aristocracies of Scotland, as well as to understand the clergy's view of the English and Robert Bruce. The theoretical foundations for this study include the works of Prestwich (2003), Scott (2014), and Barreira (2021). In conclusion, it is argued that the relations between Scots and English, as well as the constructed imagery, are deeply connected to Scottish myths, the theft and destruction of their symbolic objects, and the devastation of their lands. The search for an heir to consolidate the denial of English dominance over Scottish lands influences the imagery surrounding the figure of Robert Bruce.

**Keywords:** Scotland; Wars of Independence; Middle Ages; England.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>ENTRE OS CORAÇÕES VALENTES EXISTE A ESPERANÇA DE UM CASTELO DESMORONADO .....</b>	<b>14</b>
1.1 OS PRIMEIROS INDÍCIOS (1286 - 1305).....	14
1.2 O DOMÍNIO DE EDUARDO I E O COMEÇO DE UMA GUERRA.....	18
1.3 DE RESPINGOS DE ESPERANÇA A CINZAS DE UMA LAREIRA DE CORAÇÕES FLAMEJANTES.....	26
<b>A ASCENDÊNCIA DE ROBERTO BRUCE.....</b>	<b>33</b>
2.1 ROBERTO I, REI DOS ESCOCESSES.....	33
2.2 AS DESAVENÇAS ENTRE AS FAMÍLIAS.....	34
2.3 O ASSASSINATO DE COMYN E A REIVINDICAÇÃO AO TRONO.....	36
2.4 A BATALHA E A VITÓRIA DOS ESCOCESSES.....	44
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se debruça sobre a História da Escócia, especificamente durante o Período Medieval. Apesar de ser uma realidade distante da minha, o interesse pela riqueza cultural, os costumes, as questões políticas e até a maneira como o povo escocês enxerga ou enxergava o mundo e o seus vizinhos despertaram o meu interesse enquanto pesquisadora, isso me fez explorar e questionar essas perspectivas escocesas sobre o passado. Foi por essas questões e outras mais que este trabalho se aprofundou.

A Escócia é um país localizado ao norte da Ilha da Grã-Bretanha, fazendo fronteira ao Sul com a Inglaterra. Ambos fazem parte do Reino Unido, uma união oficializada em 1707 pelo tratado conhecido como *Act of Union*, que reúne quatro países: Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales. Apesar de integrarem essa união, cada país mantém certa autonomia em algumas áreas, enquanto assuntos internacionais são governados como uma unidade. Atualmente, discursos sobre um movimento separatista escocês ainda ocorrem, refletindo debates e pontos de vista diversos sobre a questão.

Atualmente, embora faça parte do Reino Unido, a Escócia, apesar de ser uma Nação, não é considerada um Estado soberano com autogoverno pleno, ou seja, não possuem um presidente próprio, pois o seu sistema de governo é parlamentar com um monarca inglês como chefe de Estado. No entanto, a Escócia tem seu próprio Parlamento e um Primeiro-Ministro que atua como líder do governo escocês. Durante a Idade Média, o Reino da Escócia, apesar de sua ligação com a Inglaterra, tinha um rei próprio que dividia seu poder com a Igreja, a instituição que detinha grande influência durante o medievo. Devido à sua proximidade com o Reino da Inglaterra, a História da Escócia é marcada por alianças, tensões e, sobretudo, conflitos. Entre esses conflitos teremos as chamadas Guerras de Independência da Escócia, ocorridas entre 1296 e 1346 e travadas contra a Inglaterra. Essas guerras podem ser divididas em três momentos importantes: A primeira fase, entre 1296 e 1305, liderada por William Wallace, proveniente de uma família de pequenos aristocratas. Posteriormente, Roberto Bruce, pertencente a uma família de grande influência na Escócia. Bruce assume a liderança da resistência entre 1306 e 1328, sendo eventualmente coroado rei da Escócia. A terceira fase ocorreu entre 1332 e 1346, sendo liderada por membros da aristocracia escocesa.

Neste trabalho, focamos nos dois primeiros momentos das guerras de independência, centrados nas figuras de William Wallace e Roberto Bruce, bem como em suas relações com

os dois reis da Inglaterra, Eduardo I e seu filho, Eduardo II. Nos capítulos que redigimos abordamos, também, a interação entre as aristocracias laicas e clericais escocesas com o reino inglês, além dos conflitos internos entre as principais famílias da Escócia, buscando entender a dinâmica dessa sociedade durante as guerras de independência.

Para compreender os eventos que serão discutidos nas páginas seguintes, é essencial contextualizar o que aconteceu antes de Wallace e Bruce, e entender os fatores que levaram a Escócia a entrar em guerra contra a Inglaterra. As guerras de independência, a princípio, eram vistas como apenas conflitos entre as grandes famílias aristocráticas, e esses tinham como finalidade questões relacionadas à sucessão do trono escocês. Muitas famílias brigavam para conseguir a sucessão do trono. Porém, essas desavenças germinaram em uma guerra que envolveria diferentes reinos extremamente importantes para esse período histórico. Pode-se colocar em pauta um acontecimento que desencadeou essa série de conflitos pelo trono escocês: A morte do rei Alexandre III em 1286 e a falta de um sucessor masculino ao trono. Apesar de tal fato, ainda havia uma esperança. Esperança essa na qual Eduardo I, rei da Inglaterra e ex-cunhado de Alexandre III, apostava bastante: A sucessão do trono através da neta de Alexandre III. Seu nome era Margarida, geralmente chamada de Margarida da Noruega, a menina de apenas 7 anos, foi proclamada pelos 12 guardiões e, também, por Eduardo I como a futura rainha da Escócia. Mas quem eram esses guardiões? Os 12 guardiões<sup>1</sup> eram homens geralmente ligados ao clero ou à aristocracia. Entre eles, havia bispos e líderes de famílias importantes e antigas da Escócia. Esses homens tinham como objetivo administrar e cuidar do país enquanto não havia um rei para suceder ao trono. Em relação ao rei inglês, Eduardo I, este interfere nas questões escocesas sobre o trono a pedido dos próprios guardiões escoceses, que se veem perdidos e com medo da violência generalizada que pode ocorrer se as famílias começarem a travar conflitos pelo poder. Durante o reinado de Alexandre III, a Inglaterra mantinha uma relação amigável com a Escócia e o parentesco entre Eduardo I e o rei da Escócia contribuiu ainda mais para o laço entre esses dois reinos serem fortes.

Eduardo I vê em Margarida uma oportunidade. Conforme Barrera (2021, p. 167) afirma, casar Margarida com seu filho Eduardo II, para o rei inglês poderia significar que a Inglaterra tivesse um apoio, um reino aliado, contra os conflitos que estava tendo com a

---

<sup>1</sup> Alguns nomes que faziam parte dos chamados “Guardiões da Escócia”: William Fraser ( Bispo de St Andrews), Robert Wishart (Bispo de Glasgow), John Comyn II de Badenoch, Alexandre Comyn (Conde de Buchan), entre outros.

França, conflitos esses relacionados a questões territoriais envolvendo esses dois reinos. Além disso, ao casar o seu filho com a futura rainha da Escócia, Eduardo II como seu legítimo esposo poderia reivindicar todos os bens da sua esposa, Margarida, inclusive o mais valioso deles: A própria Escócia. Sendo assim, em julho de 1290, Eduardo I conseguiu que os Guardiões assinassem um tratado denominado *Tratado de Birgham*, no qual se reafirmava a independência da Escócia e a separação das igrejas da Escócia e da Inglaterra, além de concordar com o matrimônio de Margarida com seu próprio filho. Porém, a morte de Margarida em 1290 ocorreu de forma trágica e inesperada enquanto a garota estava a caminho da Escócia. A notícia chegou poucos dias depois, e pode-se dizer que os conflitos pelo trono entre as famílias aristocráticas se intensificaram nesse período. Vale destacar duas famílias importantes que se autodeclararam merecedoras do trono e que ficaram à mercê da decisão futura sobre o próximo rei escocês: As famílias Bruce e Comyn.

Os guardiões, nessa situação, acabam por convocar mais uma vez Eduardo I, que intervém na situação. Porém, ele aproveita a ocasião e usa seu poder militar para se autodeclarar senhor feudal da Escócia, com a narrativa de que futuramente ajudaria na escolha do novo monarca. De fato, ele o fez, decidindo tornar João Balliol, um homem aliado à família Comyn, rei dos escoceses. Isso, porém, não agradou a muitas famílias aristocráticas escocesas, entre elas os Bruce. Dessa forma, Eduardo I conseguiu o apoio forçado de 13 aristocratas pertencentes às grandes famílias escocesas que disputavam o trono e impôs sobre eles o seu poder. Esses 13 aristocratas, sem um exército consolidado e sem um rei, acabam por aceitar a condição de vassalos. Estuda-se o motivo por trás dessa decisão de Eduardo I que, segundo o autor Prestwich (1989), tinha como objetivo subjugar a Escócia, já que para Eduardo I, a mesma, acreditava ele, era a sua terra por direito.

É nesse contexto que a resistência escocesa e as diversas disputas internas entre os dois países surgem. Em especial William Wallace, nobre cavaleiro escocês que se tornou um dos principais líderes dessas guerras e que tinha como objetivo atacar e retomar a independência do reino escocês. Da mesma forma, Roberto Bruce, que após a derrota de Wallace na Batalha de Falkirk, assume o comando das revoltas e posteriormente acaba por se tornar rei da Escócia, mesmo sem o apoio e reconhecimento do rei da Inglaterra, que na época já era o sucessor de Eduardo I, seu filho Eduardo II. Para conseguir ser coroado rei da Escócia, Roberto Bruce precisou do apoio tanto da aristocracia laica quanto da clerical. Deve-se ressaltar aqui a importância da aristocracia clerical, a Igreja, que nesse período histórico não é vista como um simples setor isolado da realidade medieval, como se esta não tivesse

relação com as famílias aristocráticas e vice-versa. A Igreja é pensada como uma instituição dominante, que determina as principais regras de toda a sociedade medieval. Conforme afirma Baschet (2006, p. 168):

A igreja é a própria sociedade, não há nenhum sentido em recorrer a noção de religião tal como nós a entendemos hoje, enquanto crença pessoal livremente escolhida (...) é cristão porque se nasce no cristianismo. É uma identidade herdada, que não se discute.

Observa-se assim, o poder e influência que a igreja tem sobre o medievo e logo é preciso pensar nas relações entre as instituições: Igreja e aristocracia. “cúmplices na obra de dominação, aliados perante os dominados, mas também são concorrentes” (BASCHET, 2006, p. 169). Portanto, ambos obtêm seus próprios interesses e possuem uma relação de dominação e cumplicidade conflituosa. O apoio que Roberto Bruce tende a receber de bispos, abades, entre outros clérigos, além das próprias famílias aristocráticas, baseia-se nessa relação de poder interconectada entre essas duas partes da sociedade medieval.

O objetivo desta pesquisa é entender e discutir as relações de poder durante as Guerras de Independência da Escócia. No primeiro capítulo, serão abordados os acontecimentos que levaram a aristocracia clerical e laica a lutar intensamente contra os ataques dos ingleses ao território, bem como a imposição de Eduardo I como senhor feudal da Escócia. Por fim, objetiva-se, neste capítulo, entender as relações de poder entre essas duas partes da sociedade medieval, tendo como referência a figura de Eduardo I.

No segundo capítulo, o objetivo é entender e questionar o motivo pelo qual a nobreza clerical apoiou Roberto I como rei escocês, além de debater e apresentar a caracterização de Roberto I em documentos históricos. Nesse capítulo, também se buscará compreender as relações entre Eduardo I, Eduardo II e Roberto Bruce, bem como o papel da aristocracia clerical.

As justificativas para o desenvolvimento desta pesquisa se dão pelo fato de que há poucos trabalhos brasileiros e poucas fontes traduzidas para o português sobre o tema, onde acredita-se que seja em razão de que, geralmente, esses trabalhos e essas fontes são escritos muitas vezes em gaélico escocês.

O gaélico escocês é uma língua que predominava na Escócia desde o século V, todavia, sobrevive atualmente nos territórios das chamadas Highlands, que se localizam nas regiões setentrionais da Escócia. A língua gaélica escocesa, quando se refere a tradução desta para o português, pode ser trabalhosa, porém o inglês acaba sendo uma alternativa

mais viável para tradução. Atualmente, percebe-se um movimento dos arquivos nacionais da Escócia e sites oficiais, um movimento de tradução da língua gaélica escocesa para o inglês, facilitando assim, a pesquisa. Além de que, alguns autores que escrevem sobre a história da Escócia traduzem essas fontes em suas próprias obras.

Em relação aos trabalhos brasileiros sobre o tema, geralmente estes são inclinados para uma perspectiva e narrativa dos ingleses sob os escoceses ou são tratados de forma abrangente e contemporânea de modo que, esses autores utilizam o assunto para contextualizar um sentimento nacionalista escocês contemporâneo ao modo de legitimar os desejos de separação política da Escócia sobre a Inglaterra atualmente.

Pretende-se nesta pesquisa contribuir para os estudos sobre esse tema, visando trabalhar a narrativa escocesa diferentemente dos trabalhos já feitos. Nesta pesquisa também buscamos um olhar mais ligado ao medievo em si, e não uma justificativa para questões contemporâneas, como é feito em alguns trabalho

# CAPÍTULO I

## ENTRE OS CORAÇÕES VALENTES EXISTE A ESPERANÇA DE UM CASTELO DESMORONADO

### 1.1 Os primeiros indícios (1286 - 1305)

Em 1286, a Escócia presenciou a trágica morte de Alexandre III. Devido a esse acontecimento, ela se vê desamparada, sem um herdeiro homem ao trono, as famílias aristocráticas começam a demonstrar suas pretensões para reivindicar o reino. Essas pretensões renascem do sentimento de merecimento ao trono por causa da linhagem familiar. As duas principais famílias que mais chamaram a atenção e que sempre mostraram interesse pelo trono foram os Bruce e os Balliol. Essas famílias, em sua hereditariedade, possuíam um vínculo com a antiga família real à qual Alexandre III pertencia, os Canmore. Para que a Escócia não sucumbisse em uma guerra entre famílias pelo trono um sistema de organização foi criado e nomeado de “Os guardiões”. Os homens que faziam parte desse sistema tinham a obrigação de representar a comunidade do reino, organizar e decidir por ela. Os guardiões eram compostos por homens da igreja, bispos importantes e aristocratas nobres. A igreja, nesse momento histórico, consistia em uma instituição muito poderosa e que detinha a administração do reino em suas mãos. Era uma instituição que, de acordo com o autor Scott (2014, p. 16), possuía o maior número de terras<sup>2</sup> no reino, ao lado da coroa.

Importante salientar que, de acordo com o autor Franco Júnior. (2001, p. 41), as terras pertencentes aos grandes nobres aristocráticos laicos eram, com o tempo, divididas entre os herdeiros, e a própria realeza acabava perdendo parte dessas propriedades, pois elas eram frequentemente usadas como recompensa para membros da nobreza e do clero em troca de serviços prestados. Por outro lado, as terras que pertenciam ao clero, ou seja, à Igreja como instituição, permaneciam indivisas, já que os membros do clero, em sua maioria celibatários, não deixavam herdeiros para fragmentá-las, ao menos em teoria. Sendo assim, percebe-se o poderio que a igreja estabelecia nesse momento.

Voltando à questão da sucessão escocesa, que nesse momento estava em aberto e à ausência de um pretendente masculino ao trono, como era tradicionalmente escolhido

---

<sup>2</sup> É importante salientar que, na Idade Média, as terras eram extremamente valorizadas, e os senhores dessas propriedades, conhecidos como senhores feudais, detinham grande poder e domínio tanto sobre as terras quanto sobre seus vassallos. Os vassallos, que viviam nas terras dos senhores e recebiam sua proteção, retribuíam com trabalho e apoio militar quando solicitados, em uma espécie de 'pagamento' por essa proteção.

(SCOTT, 2014, p. 16), a neta de Alexandre III, Margarida da Noruega, era a opção mais válida a ser escolhida para possuir o título de futura primeira rainha da Escócia. Margarida era ainda uma criança quando foi escolhida para suceder ao reinado. Enquanto isso, todos já sabiam da morte do rei Alexandre, inclusive o seu vizinho de reino, Eduardo I da Inglaterra, que recebeu as notícias da morte do seu cunhado enquanto estava tendo problemas com a França por questões territoriais na Normandia e em outras áreas. A aproximação entre os reinos da Escócia e Inglaterra já acontecia há anos. Ambos os reinos tinham uma relação muito próxima, e Eduardo I mantinha laços amigáveis com a Escócia até certo ponto. Ele possuía parentes escoceses, como o próprio rei Alexandre III, que, como mencionado, era seu cunhado. Isso proporcionava a Eduardo I uma influência positiva sobre o reino escocesa.

De acordo com o autor Scott (2014, p. 17), a morte de Alexandre III significava um enfraquecimento para o reino da Escócia e eles precisam se recuperar. Porém para Eduardo I, entretanto, a morte do rei escocês foi vista como uma oportunidade, inclusive no caso de Margarida. Para Barrera (2021, p. 167), casar Margarida com seu filho, Eduardo II, poderia garantir à Inglaterra um apoio e um reino aliado, em meio aos conflitos que o país estava enfrentando com a França. Além disso, ao casar seu filho com a futura rainha da Escócia, Eduardo II, como legítimo esposo, poderia reivindicar todos os bens de sua esposa, incluindo o mais valioso deles: a própria Escócia.

Em julho de 1290, Eduardo I conseguiu que os Guardiões assinassem o *Tratado de Birgham*, que reafirmava a independência da Escócia e a separação das igrejas escocesa e inglesa, além de estabelecer o casamento de Margarida com seu filho. No entanto, a morte trágica de Margarida, ainda em 1290, ocorreu enquanto ela ainda estava a caminho da Escócia. A notícia chegou poucos dias depois, e, a partir desse momento, os conflitos pelo trono entre as famílias aristocráticas se intensificaram.

A morte de Margarida, a falta de um sucessor ao trono e os conflitos entre as grandes famílias aristocráticas pela decisão do futuro da Escócia, fez com que os guardiões ficassem com medo de que uma violência generalizada fosse desencadeada, e esses, se veem à mercê de pedir ajuda ao rei inglês, visto como alguém confiável devido a sua relação próxima com a antiga família real escocesa e também, conforme Scott (2014, p.23), Eduardo I tinha uma reputação de imparcialidade, sendo até nomeado “árbitro entre as reivindicações conflitantes de Pedro de Aragão e Carlos de Anjou ao reino da Sicília”. Porém, eles não esperavam que Eduardo I em um castelo em Norham, no lado inglês do rio, em que ele escolheu para ser debatido as decisões quando foi convocado pelos Guardiões, decidisse pressionar os escoceses e exigisse ser reconhecido como Senhor Feudal da Escócia mediante a participar

das decisões sucessórias escocesas. Tanto os Guardiões quanto os doze pretendentes ao trono das grandes famílias escocesas ficaram escandalizados, e pediram um tempo para considerar sua proposta e receberam vinte e quatro horas, mas, mesmo relutantes, cederam. Conforme Scott (2014, p. 25), eles não tiveram outra opção além de aceitar ou se preparar para uma aniquilação, tendo em vista que ao mesmo tempo que tal fato acontecia, Eduardo I havia juntado forças armadas o suficiente para subjugar a Escócia nas fronteiras. É importante lembrar que o reino da Escócia, naquele momento, estava fragilizado, pois não possuía um exército consolidado nem um rei.

Em Stirling, no dia 27 de julho, Eduardo I emitiu uma proclamação informando que todos os homens de todo o reino deveriam jurar fidelidade a ele pessoalmente, sob a ameaça de penalidades severas caso não cumprissem o ato

Mapa 1: Os reinos da Escócia em 1286.



**Fonte:** Mapa retirado do livro *Robert Bruce: Our Most Valiant Prince, King and Lord*, do autor Colm McNamee.

É nesse contexto que desenvolveremos o primeiro capítulo desta pesquisa, buscando compreender como, diante desses acontecimentos, a nobreza clerical e laica persistiu na recuperação da força do reino escocês e na defesa de seu território contra os ataques da Inglaterra e de Eduardo I. Pretende-se também analisar as relações entre Eduardo I e essa aristocracia clerical e laica escocesa durante as chamadas Guerras de Independência, discutindo e compreendendo as dinâmicas de poder entre ambos. Além disso, busca-se entender os discursos e representações criados pelos escoceses como justificativa para sua resistência. Considera-se aqui que muitas fontes e discussões produzidas pelos escoceses

podem ter se perdido ao longo do tempo. Também se ressalta que as fontes apresentadas refletem um discurso específico de uma parte daquela sociedade, ou seja, da aristocracia laica e clerical, tanto escocesa quanto inglesa.

## **1.2 O Domínio de Eduardo I e o começo de uma guerra**

Um momento de fragilidade paira sobre a Escócia neste momento. Muitas famílias aristocráticas escocesas que possuíam terras, tanto na Escócia quanto na Inglaterra, se veem à mercê de Eduardo I. Segundo Barrera (2021), o medo de perder suas terras, caso recusassem ou desagradassem o senhor de toda a Inglaterra os enclausurou a aceitar as decisões impostas pelo novo senhor feudal da Escócia. Além disso, o rei inglês havia exigido conforme Mcnamee (2012, p. 40), a posse dos castelos reais da Escócia, o que o colocou em posição de impor ainda mais as suas decisões.

Entre essas decisões, uma das mais importantes estava nas mãos de Eduardo I: a escolha de quem seria o futuro rei da Escócia. As duas opções mais lógicas eram Roberto Bruce, o Competidor (avô do futuro rei escocês Roberto I, mais conhecido como Roberto the Bruce), e João Balliol, um grande aliado de uma das mais poderosas famílias escocesas, os Comyn. Ambos afirmavam veementemente seu direito ao trono. Tanto Bruce quanto Balliol eram descendentes de David, Conde de Huntingdon, irmão do rei Guilherme I, o Leão, cuja linhagem masculina se encerrou com Margarida da Noruega.

David não deixou filhos homens para a sucessão, apenas três filhas, e delas descendiam Roberto Bruce, o Competidor, e João Balliol. Balliol era neto da filha mais velha, enquanto Bruce era filho da segunda filha de David. Ambos reivindicavam o trono por direito de hereditariedade, porém Bruce apresentou argumentos adicionais, afirmando que, durante o reinado de Alexandre III, este teria reconhecido sua linhagem

Para a escolha do novo rei, foi constituído um tribunal composto por 104 auditores: vinte e quatro provenientes do conselho de Eduardo I, quarenta nomeados por Roberto, o Competidor, e outros quarenta indicados por João Balliol. A composição das nomeações para o tribunal evidencia que o título de novo rei da Escócia estava concentrado nas mãos de dois homens, enquanto as reivindicações dos demais candidatos foram amplamente desconsideradas. Tal audiência foi adiada duas vezes: a primeira no dia 2 de junho de 1292 e, em seguida, novamente para o dia 14 de outubro. Os motivos dos adiamentos foram os negócios urgentes que Eduardo I precisava tratar na Inglaterra.

Segundo Scott (2014, p. 28), Eduardo I estava inclinado a nomear Bruce como o futuro rei, porém teve sua escolha influenciada por Antony Bek, sua mão direita e também conhecido próximo de Balliol, que o advertia das consequências de escolher um Bruce como próximo rei da Escócia. O poder da família Bruce e as terras dessas famílias tanto na Inglaterra quanto na Escócia tornavam-nos uma das linhagens mais nobres e poderosas, e, com o poderio de um reinado, poderiam se tornar ameaças para a Inglaterra, assim como foi tempos atrás. Em julho de 1291, Eduardo I anunciou em mandado real, como senhor feudal superior da Escócia, que os reinos da Escócia e da Inglaterra estavam agora unidos (PRESTWICH, 2003, p. 203).

Já em abril de 1290, Eduardo I havia estabelecido as regras para definir a sucessão ao trono escocês, baseando-as nos costumes da Inglaterra, e não nos da Escócia. Assim, de acordo com os costumes ingleses, conforme observado por Scott (2014, p.28):

Entre o descendente mais próximo da filha mais nova e o descendente remoto da filha mais velha, a linhagem da filha mais velha deve ser totalmente esgotada antes que a da filha mais nova possa apresentar qualquer reivindicação.

Então, em 20 de novembro de 1292, João Balliol foi proclamado sucessor do trono da Escócia e alguns dias depois seguindo a autora Barrera (2021, p. 169) aceitou mansamente Eduardo I como seu senhor feudal. Logo, em 30 de novembro, João Balliol foi coroado em Scone, sobre a Pedra do Destino<sup>3</sup>, sendo inclusive, o último rei da Escócia a ser coroado sobre a Pedra, por motivos de que, após a alguns anos depois da sua coroação “Eduardo I roubaria junto com o resto das jóias da Coroa e as levaria para a Abadia de Westminster na Inglaterra” (BARRERA, 2021, p. 170).

Um documento que pode nos ajudar a entender e relatar este acontecimento, assim como diversos outros que serão abordados mais adiante, é a Declaração de Arbroath, datada de 6 de abril de 1320. Esta declaração foi originalmente escrita em latim e selada por oito condes e cerca de quarenta barões que representavam a comunidade do reino escocês. Segundo os registros nacionais da Escócia, a carta foi muito provavelmente redigida pelo abade de Arbroath e enviada ao papa João XXII, solicitando o reconhecimento da Escócia como um país independente e de Robert Bruce como seu legítimo rei, logo após suas vitórias sobre a Inglaterra.

---

<sup>3</sup> A Pedra do Destino é considerada um símbolo sagrado e histórico Escocês. Geralmente utilizada para coroar reis escoceses durante muito tempo. Em 1296 foi roubada pela Inglaterra e permaneceu na Abadia de Westminster, em Londres, até 1996, quando foi devolvida à Escócia. Ainda utilizada hoje em dia em coroações Britânicas.

No entanto, esta declaração também reflete o sentimento de insegurança anos antes desse acontecimento, que tanto a aristocracia clerical quanto a laica sentiam diante do poderio de Eduardo I e da Inglaterra, resultado de uma série de eventos ocorridos durante as guerras de independência da Escócia. O documento contém o seguinte texto:

Assim, nosso povo, sob sua proteção, de fato viveu em liberdade e paz até o momento em que aquele poderoso príncipe, o Rei dos Ingleses, Eduardo, o pai daquele que reina hoje, quando nosso reino não tinha rei e o nosso povo não abrigava malícia ou traição e não estava acostumado a guerras ou invasões, veio disfarçado de amigo e aliado para persegui-los como um inimigo. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 4).<sup>4</sup>

Esse trecho se refere tanto aos momentos de guerra e invasão, que discutiremos mais adiante, quanto à forma como Eduardo I continuou a agir mesmo após ter decidido quem seria o rei da Escócia. Isso inclui o roubo de objetos simbólicos escoceses, juntamente com as joias da Escócia e a posse dos principais castelos do país. Além desses fatores, Scott (2014, p. 29) afirma que Eduardo I continuava a intervir nos assuntos escoceses e também ordenava audiências para que o rei da Escócia fosse obrigado a comparecer pessoalmente na Inglaterra e se defender contra recursos apresentados contra ele. Se o tribunal inglês identificasse um erro judicial, o próprio rei escocês seria responsável pelos danos.

Percebe-se o poder que o rei inglês estava exercendo sobre toda a Escócia, mais especificamente, sobre a aristocracia clerical e laica escocesa. A aristocracia clerical, que anteriormente era responsável por organizar questões administrativas e financeiras em conjunto com a aristocracia laica, agora se encontrava limitada e de mãos atadas diante das situações que enfrentavam. Eduardo I passou a ter a palavra final nas decisões sucessórias que os envolviam, além de manter ambos os grupos sob controle por meio de questões legais e burocráticas relacionadas à terra. Lembra-se que muitas das grandes famílias aristocráticas e nobres escocesas possuíam terras importantes no território da Inglaterra, e o medo de perdê-las as afligia e os submetiam a ajoelhar perante o rei inglês, especialmente considerando a fragilidade em que se encontrava o reino escocês naquele momento.

---

<sup>4</sup> “Thus our people under their protection did indeed live in freedom and peace up to the time when that mighty prince the King of the English, Edward, the father of the one who reigns today, when our kingdom had no head and our people harboured no malice or treachery and were then unused to wars or invasions, came in a guise of a friend and ally to harass them as an enemy.” (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 4).

**Figura 1:** A Pedra do Destino em Moot Hill, na Escócia.



**Fonte:** Retirada do site CNN Brasil.

Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/historica-pedra-do-destino-e-levada-para-londres-para-coroacao-do-rei-charles/>

Mas o que chama a atenção nesse momento é que, em 1294 o rei da França, Filipe, o Belo, desafiou o controle da Inglaterra sobre o território da Gasconha e em concordância com o autor Scott (2014, p. 31), o motivo foi que o rei da França alegou que “marinheiros ingleses atacaram navios franceses sem provocação”. Por isso, “ele intimou Eduardo a comparecer pessoalmente perante o parlamento em Paris e lá se submeter ao julgamento de seu senhor superior”. No entanto, Eduardo I não apareceu, e, conseqüentemente, Filipe confiscou suas terras na Gasconha. Até então, Eduardo I detinha o título de duque da Aquitânia, o que o obrigava a dever fidelidade ao rei Filipe da França. Devido à ação de Filipe, Eduardo renunciou a esse título e, em seguida, declarou formalmente guerra contra a França. Tal ação preocupou os Guardiões da Escócia e os nobres escoceses, pois, no mesmo ano, afirma Barrera (2021, p. 170) Eduardo I solicitou a João Balliol um exército escocês para ser utilizado em sua futura guerra.

Os Guardiões, junto com algumas outras grandes famílias nobres da Escócia e figuras politicamente importantes, tanto do clero quanto da nobreza, reuniram-se em um Conselho e elegeram “quatro bispos, quatro condes e quatro barões para administrar o governo do país em nome do rei” (SCOTT, 2014, p.32). Neste conselho, foi decidido que estabeleceriam uma aliança de defesa mútua com a França, que mais tarde seria chamada de *The Auld Alliance*, ou melhor, *A Antiga Aliança*.

Existem, nos documentos dos Arquivos Nacionais de Paris, disponíveis e traduzidos para o inglês nos registros do parlamento escocês, diversas cartas enviadas em nome de João Balliol e do rei da França entre os anos de 1295 até o dia 23 de fevereiro de 1296 que ratificam essa aliança franco-escocesa. O conjunto dessas cartas tem como título: *A confirmação do tratado escocês* e traz em seu um de seus textos o aviso de que representantes do reino Escocês foram a caminho da França com o intuito de confirmar essa aliança “enviaram comissários para negociar uma aliança com a França” (SCOTT, 2014, p.32). Esses representantes<sup>5</sup> eram homens importantes do clero e da nobreza e tinha como intuito estabelecer uma aliança por casamento entre o filho primogênito e futuro herdeiro do atual rei Escocês com alguma filha descendente de algum parente do rei francês em troca de proteção e ajuda na guerra contra a Inglaterra.

[...] E enviados especiais ao excelentíssimo príncipe e senhor Lord Philip, pela graça de Deus, ilustre rei dos franceses [Filipe IV, rei da França], para contratar um noivado e casamento entre Edward [Balliol], nosso filho primogênito e, o que é mais, futuro herdeiro, e qualquer descendente feminina ou parente do dito senhor rei, e para discutir, ordenar, transacionar e realizar todos e quaisquer negócios que se relacionem conosco, Edward, nosso filho primogênito, nosso reino supracitado e seus habitantes de qualquer forma, e em qualquer lugar do reino da França, e com qualquer indivíduo. (THE CONFIRMATION OF THE SCOTTISH TREATY, 1296.)<sup>6</sup>

A aliança com a França tinha grande significado para os escoceses naquele momento. Era uma relação amistosa, que, embora nunca tenha permitido ações militares coordenadas entre os dois reinos, o reino francês ofereceu apoio aos exilados escoceses, como foi o caso do futuro exílio do rei João Balliol. Além disso, a França interveio em algumas situações como mediadora, como em 1309, quando ajudou a mediar uma trégua entre a Escócia e a Inglaterra, com o apoio do Papa, trégua que posteriormente Roberto Bruce ignoraria. Os dois países “tinham como plano de que se os ingleses invadissem a França, os escoceses aproveitaram essa oportunidade para lançar a sua própria invasão no norte da Inglaterra.” (KIFFER, 2018, p. 15)

---

<sup>5</sup> William Fraser, Bispo de St Andrews, Matthew de Crambeth, Bispo de Dunkeld e John de Soules e Ingelram de Umfraville, ambos cavaleiros e nobres.

<sup>6</sup> And special envoys to the most excellent prince and lord Lord Philip by the grace of God illustrious king of the French [Philip IV, king of France], to contract a betrothal and marriage between Edward [Balliol], our first born son and, what is more, future heir, and any female descendent or kinswoman of the said lord king, and to discuss, ordain, transact and accomplish all and singular pieces of business which relate to us, Edward our firstborn son, our aforesaid kingdom and its inhabitants in any way whatsoever, and anywhere in the kingdom of France, and with any individual whatsoever. (THE CONFIRMATION OF THE SCOTTISH TREATY, 1296.)

Além disso, para mostrar a França e a Inglaterra e a qualquer um, que estavam falando sério em relação ao tratado, as tropas do conselho atacaram a cidade inglesa de Carlisle na Inglaterra. Ao receber a notícia, Eduardo I se viu enfurecido de acordo com a autora e também rapidamente reuniu um exército de quase trinta mil homens e envios prontos para atacar a cidade escocesa de Berwick. Assim começaram oficialmente as chamadas guerras de independência da Escócia.

O ataque a Berwick foi letal e durou vários dias, marcado pela violência e pelos assassinatos que ocorreram. Conforme Barrera (2021, p.171) estima-se que, de uma população de cerca de treze mil pessoas, menos de cinco mil sobreviveram. Tal ação nos leva novamente ao primeiro documentado citado “Os atos de crueldade, massacre, violência, pilhagem, incêndio criminoso, prisão de prelados, incêndio de mosteiros, roubo e assassinato de monges e freiras [...] ninguém poderia descrever ou imaginar completamente a menos que os tivesse visto com seus próprios olhos.” (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5).<sup>7</sup> Além das crueldades, os saques ocorridos em Berwick foram devastadores para o comércio da Escócia, e, por fim, Eduardo I ainda estabeleceria a sede de sua administração escocesa na cidade.

O rei inglês continuou suas campanhas militares contra a Escócia. Os castelos de Roxburgh e Dumbarton se renderam rapidamente ao rei inglês, e, logo após oito dias, o Castelo de Edimburgo tomou a mesma decisão, assim como a cidade de Perth. Já o Castelo de Stirling foi encontrado abandonado, afirma Scott (2014).

Vale mencionar que nem todas as famílias aristocráticas estavam do lado da revolta escocesa e da aliança formada com a França, a família Bruce por exemplo, era uma das principais que desconfiavam do rei Balliol e dos Comyn e que, afirma o autor Mcnamee (2012, p. 41), ficaram do lado inglês e defenderam a cidade de Carlisle contra João Comyn, conde de Buchan. Tão logo que em abril de 1295, Roberto, o Competidor, morreu e em outubro de 1295 o seu filho Roberto Bruce 6º Lorde de Annandale, pai do futuro Roberto I, foi nomeado governador de Carlisle pelo rei Eduardo I.

A determinação da escolha de posição da família Bruce pode ser caracterizada por três fatores: A rivalidade que tinham pela família Comyn e seus aliados os Balliol, o desejo apaixonante de obterem o trono e as suas terras ameaçadas em território inglês. Essa família

---

<sup>7</sup> “The deeds of cruelty, massacre, violence, pillage, arson, imprisoning prelates, burning down monasteries, robbing and killing monks and nuns and yet [...] no-one could describe nor fully imagine unless he had seen them with his own eyes.” (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5).

via em Eduardo I a esperança em conseguir a reivindicação ao trono e, também, viam nele o medo de perder as suas terras, de serem confiscadas.

Nesse meio tempo, o rei João Balliol abdicou de seu título em abril de 1296 e tal ação permitiu que Eduardo I avançasse ainda mais na subjugação do reino escocês. João Balliol foi preso na Torre de Londres por vários anos, antes de obter permissão para ser exilado na França, onde morreu em 1314. Seu exílio foi fruto de uma intervenção diplomática organizada por Filipe, o belo, e pelo papado. Eduardo I foi persuadido a transferir o próprio João para a tutela do papa em julho de 1299. Sendo assim, Balliol ficou sob os cuidados e olhos do rei da França e este, de acordo com (p.47) ficou ansioso porque tal ação deixava Eduardo I cada vez ainda mais ocupado e preocupado com sua situação na Escócia.

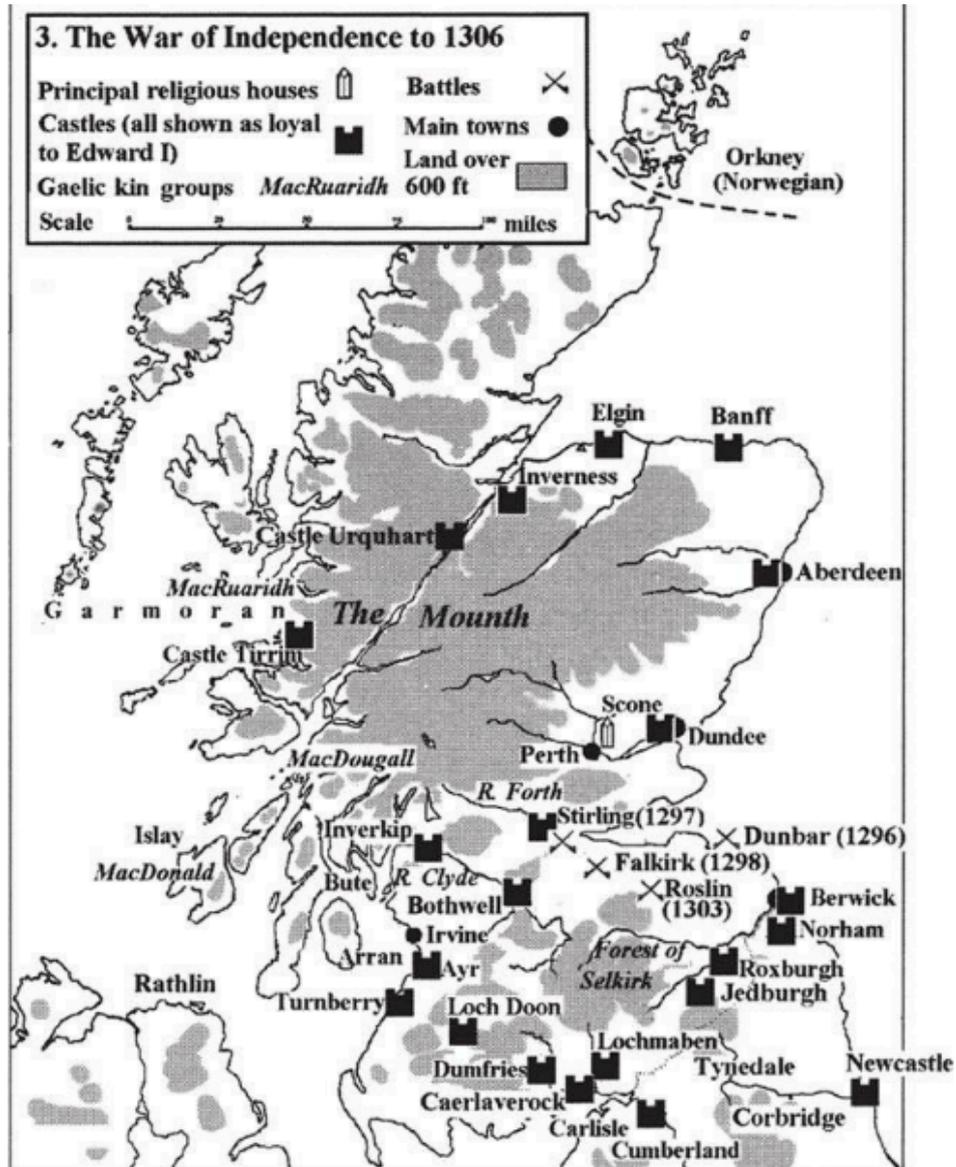
Todos os castelos da Escócia caíram em suas mãos, cidades como Stirling e Edimburgo estavam na mão do rei inglês e um governo foi estabelecido em Berwick, de onde Eduardo I passou a administrar o país. Porém, mesmo com Balliol reivindicando o trono, os Bruces não conseguiram alcançar seu grande propósito: o título de rei da Escócia. Em vez disso, viram Eduardo I ocupado demais subjugando o reino escocês.

O rastro de violência e assassinato de milhares de pessoas, assim como o sequestro de dezenas de nobres, foi ordenado pelo rei inglês. Ele também roubou, como mencionado anteriormente, os símbolos escoceses, entre eles a Pedra do Destino e diversas jóias importantes, como as Jóias da Coroa do Castelo de Edimburgo. No entanto, de acordo com a autora Barrera (2021), a maior perda foram os registros reais escoceses, que, para piorar a situação, afundaram junto com o navio que os transportava para a Inglaterra. Ou seja, a Escócia se via sem rei, sem suas terras, sem suas cidades e até mesmo sem suas próprias vidas. Diante de tudo isso, ainda se encontravam sem o registro de sua história, sem seus principais símbolos que remetem a mitos antigos. Era como se Eduardo I estivesse apagando o passado da nação. “Na verdade, não é por glória, nem por riquezas, nem por honras que lutamos, mas somente pela liberdade, da qual nenhum homem honesto desiste senão com a própria vida.” (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> “It is in truth not for glory, nor riches, nor honours that we are fighting, but for freedom alone, which no honest man gives up but with life itself.” (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5)

**Mapa 2:** As guerras de independência 1306



02

**Fonte:** Mapa retirado do livro *Robert Bruce: Our Most Valiant Prince, King and Lord*, do autor Colm McNamee.

Em relação aos mitos antigos, um em específico gerava ainda mais esse sentimento de luta pela terra que acreditavam lhes pertencer. Esse mito<sup>9</sup> é retratado em um dos documentos anteriormente citados, *A Declaração de Arbroath*, e que, em harmonia com Prestwich (2003, p. 202), fala sobre como o povo escocês teria se originado na Grande Cítia<sup>10</sup> e após muito tempo migrado para a Espanha e por fim chegado à região das ilhas britânicas. Ou seja,

<sup>9</sup> Sir James Fergusson, *The Declaration of Arbroath* (Edinburgh, 1970), p. 4.

<sup>10</sup> A Grande Cítia foi uma região histórica na Eurásia, associada aos povos citas

buscam em suas palavras mostrar a grandiosidade e os desafios que este povo passou, que esta terra, que muitas vezes era vista por Edward I como sua propriedade, na verdade foi conquistada pelos escoceses com muito esforço e coragem e eles não desistiram fácil na luta para reconquistar o seu território e o torná-lo independente.

[...] Viajou da Grande Cítia pelo caminho do Mar Tirreno e dos Pilares de Hércules, e habitou por um longo período de tempo na Espanha entre os povos mais selvagens, mas em nenhum lugar pôde ser subjugado por qualquer povo, por mais bárbaro que fosse. Daí [...] mil e duzentos anos depois que o povo de Israel cruzou o Mar Vermelho, para sua casa no oeste, onde ainda vive hoje. Os bretões ele primeiro expulsou, os pictos ele destruiu completamente, [...] e os ingleses, ele tomou posse daquela casa com muitas vitórias e esforços incalculáveis; [...] Em seu reino reinaram cento e treze reis de sua própria linhagem real, a linhagem não quebrada por um único estrangeiro. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 4)<sup>11</sup>

### **1.3 As primeiras revoltas escocesas. (ou: De respingos de esperança a cinzas de uma lareira de corações flamejantes)**

A Escócia agora se via submissa a um rei estrangeiro, com os Comyn e os Bruce de mãos atadas diante dessa situação, onde nenhum dos dois conseguia alcançar a coroa. A indignação e a raiva eram sentimentos prováveis que pairavam no ar nesse momento. Homens atordoados e revoltados com a situação refugiavam-se nas florestas e montanhas. O sentimento de repressão ardia no ar como fogo. No entanto, em maio de 1297, essas chamas explodiram e as coisas começaram a mudar. As primeiras revoltas surgiram, e dois nomes muito importantes emergiram: William Wallace e Andrew Moray.

William Wallace nasceu em uma vila chamada Elderslie e muito diferentemente do filme *Coração Valente* de 1995 do diretor Mel Gibson, William Wallace vinha de uma família nobre, mas não aristocrática, ou seja, a sua família possuía terras, mas eram poucas, e essas terras eram chefiadas pelo seu pai, Allan Wallace. A família Wallace, era vassala de James Stewart, um dos guardiões da Escócia. William Wallace era o segundo filho de Allan, um cavaleiro humilde.

Porém, o que interessa é que, em 1297, após o assassinato de William Heselrig, senhor feudal de Lanark, que conforme Barrera (2021) foi causado por vingança. Wallace assassinou

---

<sup>11</sup>[...] Viajou da Grande Cítia pelo caminho do Mar Tirreno e dos Pilares de Hércules, e habitou por um longo período de tempo na Espanha entre os povos mais selvagens, mas em nenhum lugar pôde ser subjugado por qualquer povo, por mais bárbaro que fosse. Daí [...] mil e duzentos anos depois que o povo de Israel cruzou o Mar Vermelho, para sua casa no oeste, onde ainda vive hoje. Os bretões ele primeiro expulsou, os pictos ele destruiu completamente, [...] e os ingleses, ele tomou posse daquela casa com muitas vitórias e esforços incalculáveis; [...] Em seu reino reinaram cento e treze reis de sua própria linhagem real, a linhagem não quebrada por um único estrangeiro. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 4)

William em resposta ao assassinato da sua própria esposa, Marion Braidfute e após isso, William atacaria a cidade de Scone. Porém a autora sinaliza em nota de rodapé que tal história é destinada de um poema chamado The Wallace de Harry Blind de aproximadamente 1488 e ela adverte ao leitor que tal acontecimento não é demarcado como um acontecimento histórico e que não há rastros de Marion Braidfute na historiografia, porém, como no seu começo do seu capítulo chamado Coração Valientes, ela afirma que contar a história de William Wallace é difícil, devido ao fato de que, são dispostas poucas fontes sobre o assunto e quando é encontrado fontes elas são frutos de crônicas inimigas, poemas, entre outros.

Já o autor Costain (1958) nos adverte que Blind Harry foi um autor que viveu duzentos anos após todo o acontecimento e que a sua biografia feita de Wallace tinha quase doze mil linhas de comprimento e que para a escrita desse livro, Harry se baseou nas lendas e mitos que circulavam pelo país e que, de acordo com Costain (1958), Blind, sem dúvida, havia acrescentado coisas na história e dependia da imaginação sempre que julgava necessário. O poema ainda, felizmente, existe e já obteve diversas edições pelo mundo, porém a historiografia não se baseia cem por cento nas palavras escritas no poema. As informações confiáveis de Wallace geralmente se resumem ao seu local de nascimento, o nome do seu pai, o nome dos seus dois irmãos, o mais velho com o nome de Malcolm e João ou John o mais novo e que a terra em que viviam era do senhor James Stewart. Outro adendo que Costain (1958) nos relata é o ataque que Wallace organizou contra William Heselrig em Lanark, no qual, como mencionado anteriormente, Heselrig foi morto. O ataque foi realizado com trinta homens ao lado de Wallace.

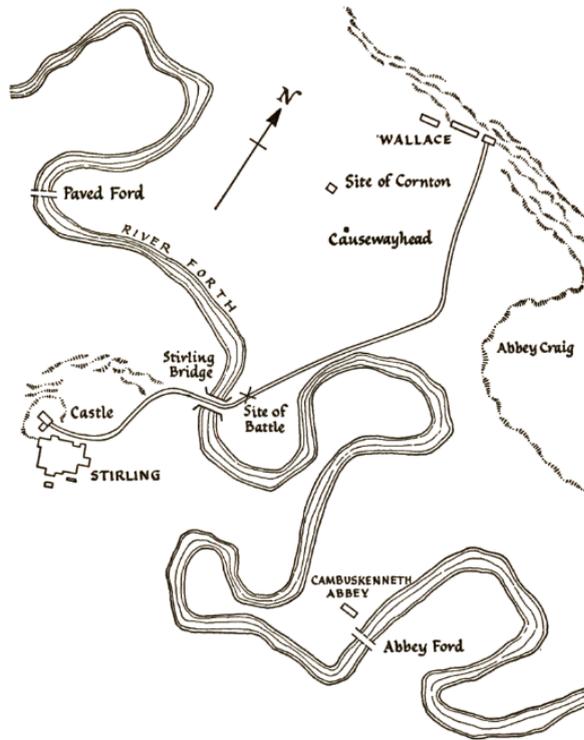
Nesse momento, Costain (1958. p. 68) afirma que, manifestações de rebeliões começaram a se manifestar nas cidades escocesas, entre elas, Galloway, Ross, Argyll e Aberdeenshire. Um nome importante também surgiria ao meio desse caos, Andrew Moray. Moray foi um cavaleiro nobre que liderou rebeliões ao norte da Escócia com o objetivo de enfraquecer o domínio inglês sobre aquela região e também foi um grande aliado de William Wallace. Ambos teriam cruzado o caminho em Dundee logo após Wallace tomar a floresta de Ettrick perto das fronteiras entre Escócia e Inglaterra. Já em 11 de setembro de 1297, ambos, juntamente com outros rebeldes, batalharam na cidade de Stirling e tal batalha foi nomeada de A batalha da ponte de Stirling. William Wallace passou a ser visto como um líder. Quando a nobreza escocesa decidia organizar revoltas e percebia que precisava de um homem para unificar e comandar as forças, Wallace era uma das principais escolhas.

A batalha da ponte de Stirling, tem esse nome porque o confronto realmente aconteceu em uma ponte, ponte essa feita de madeira e perto do rio Forth e que após o acontecimento,

ficou estilhaçada. “Os escoceses, juntamente com Wallace e Moray, se estabeleceram nas encostas da Abadia de Craig, a rocha onde agora fica o gigantesco monumento de Wallace do século XIX” (BARRERA, 2021, p. 178). Já o exército inglês de Eduardo I se estabelecia do outro lado do rio Forth, sob o comando de João de Warenne. Um fato interessante é que no próprio exército inglês havia cavaleiros escoceses e que Barrera (2021) explica claramente os motivos. A autora relembra que naquele mesmo verão que ocorreu a batalha, houve a chamada Capitulação de Irvine, em que muitos senhores de terras na Escócia se submeteram novamente a Eduardo I, sendo assim como o rei inglês era o seu senhor, ele tinha o direito de convocá-los para guerrear em batalhas, mesmo que essas batalhas fossem contra seus próprios compatriotas, e assim eles o fizeram.

Posicionando-se nas encostas da Abadia de Craig, Wallace enviava um sinal claro: estava ameaçando a retomada do Castelo de Stirling para o lado escocês. Tal afronta forçaria o comando inglês a agir, e “um exército de cinquenta mil soldados de infantaria e mil cavaleiros marchou” (COSTAIN, 1958, p. 72). Já o exército de Wallace era composto por “quarenta mil soldados de infantaria (na estimativa mais otimista) e 180 cavaleiros”. A única experiência de Wallace era em guerrilhas, e os equipamentos de seus homens eram muito inferiores aos dos ingleses; suas armas se resumiam a lanças, machados e a coragem. A seguir, apresenta-se um mapa ilustrativo dos locais mencionados anteriormente, indicando onde a batalha ocorreu de forma mais ampla.

**Mapa 3:** Batalha da ponte de Stirling.



**Fonte:** Mapa retirado do livro, *The Three Edwards* do autor Thomas B. Costain.

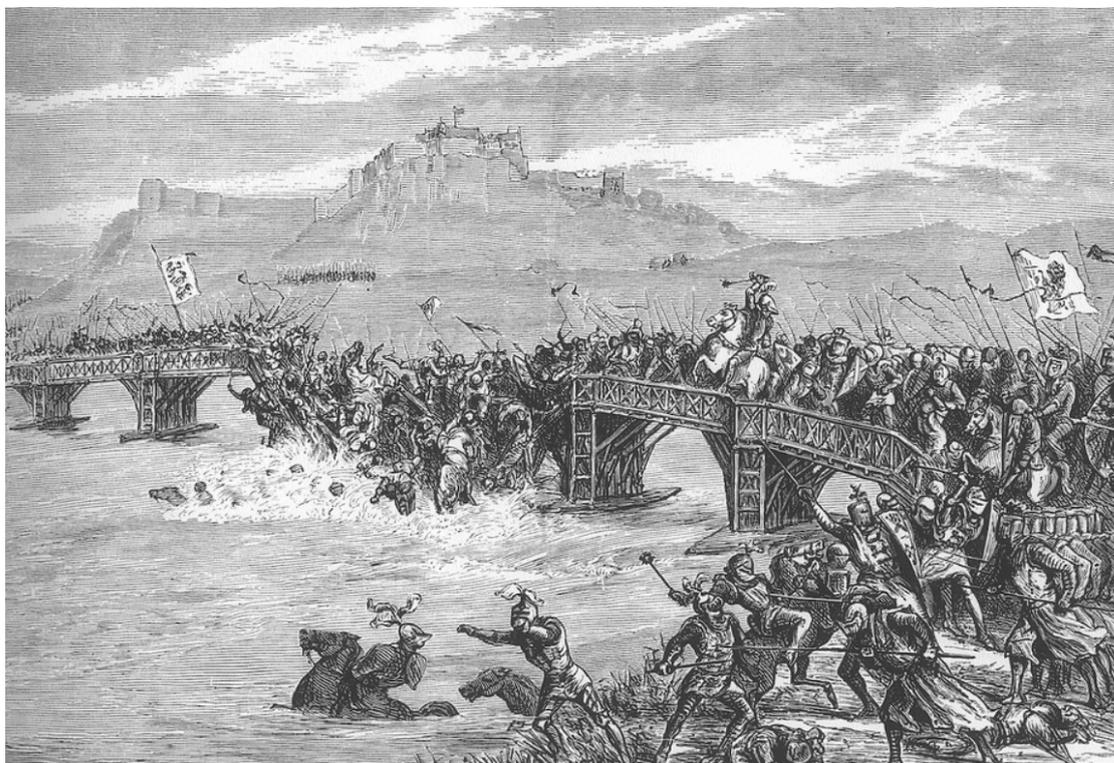
Os escoceses estavam em uma posição muito favorável. Se o exército inglês decidisse cruzar a ponte, além da dificuldade causada pela sua estreiteza, eles se deparariam com um terreno pantanoso, o que dificultaria ainda mais a ação de sua cavalaria. Além disso, os escoceses tinham uma posição estratégica favorável para uma possível retirada, caso algo desse errado.

O primeiro exército a cruzar a ponte foi o de Eduardo I e logo depois, descendo das encostas, o exército de Wallace Moray avançou com a futura vitória sob os ingleses em suas mãos e gritos. Enquanto o exército escocês matava os homens ingleses, os outros tentavam atravessar a ponte, ponte essa extremamente estreita conforme Barrera (2021), e assistiam impotente a vitória escocesa acontecendo.

“Em desespero, muitos homens acabaram se jogando nas águas para tentar fugir e outros até tentaram atravessar a ponte de volta, aumentando o pânico geral. Estima-se que mais da metade do exército inglês caiu naquele dia.” (BARRERA, 2021, p. 179).

A vitória escocesa diante a batalha de Stirling significou simbolicamente uma barreira quebrada para que o território das terras baixas agora fosse um território mais aberto para revoltas. Inclusive, o próprio Roberto Bruce, neto do falecido Roberto Bruce, o Competidor, ao mesmo tempo que ocorria essa batalha, estava envolvido em outra rebelião. É como se essa vitória significasse esperança e renasce-se das chamas anteriormente apagadas pela desesperança.

**Figura 2:** Batalha de Stirling Bridge



**Fonte:** Interpretação da Batalha de Stirling Bridge (Batalha da Ponte de Stirling), do período vitoriano. Impresso no ‘History Of Scotland’, por C. Hanley

Disponível em: História em Destaque.

<https://www.historiaemdestaque.com.br/post/impresao-da-batalha-de-stirling-bridge>

Após a batalha ambos, Wallace e Moray, receberam o título de Guardiões da Escócia em nome do antigo rei João Balliol. Porém, observa Kiffer (2018) em novembro de 1297, Moray morreria de ferimentos causados pela batalha, mas, mesmo assim, Wallace foi nomeado cavaleiro e no inverno daquele mesmo ano, liderou uma invasão no norte da Inglaterra.

Eduardo I, diante desses acontecimentos, mudou a capital da Inglaterra para York com o objetivo de ficar mais perto do seu inimigo. Ele convocaria os senhores feudais das grandes famílias aristocráticas escocesas para exigir colaborações, mas nenhum deles apareceu, afirma Barrera (2021). Tal ação demonstra mais uma vez como a vitória da batalha de Stirling obteve um significado importante para a aristocracia clerical e laica escocesa.

O rei inglês interpretou tal ação dos senhores como uma traição e reuniu seus homens para mais guerras. Seus homens atravessaram as fronteiras até chegarem a Wallace, que se localizava nas proximidades da cidade de Falkirk. Como sempre, os escoceses tinham metade dos homens do rei inglês e menos da metade do número de cavaleiros, porém estavam enclausurados e se segurando a fé que veio da vitória na ponte de Stirling, decidiram lutar. Na batalha de Falkirk, em 22 de julho de 1298, William Wallace ainda resistiria a uma pesada carga de cavalaria inglesa posicionando os seus lanceiros de infantaria em formações densas conhecidas como *schiltroms*<sup>12</sup> (MCNAMEE, 2012). Porém, não teve a mesma sorte que nas batalhas anteriores, a superioridade inglesa nos números de homens venceu dessa vez.

Os contingentes de infantaria dos exércitos de Eduardo I raramente excediam 10.000 tropas, e os números sempre caíam rapidamente após o início da campanha. [...] Na ocasião da campanha de Falkirk, Eduardo, no entanto, conseguiu [...] levantar 25.700 tropas, o maior exército do período. Além das tropas, os exércitos do período eram seguidos por uma turba de lacaios, servos, carroceiros e carregadores de bagagem (MCNAMEE, 2012, p.45).

Após sua derrota em nome do rei exilado João Balliol, Wallace sentiu sua dignidade desmoronar e renunciou ao título de Guardião da Escócia, tornando-se um fugitivo. Esse foi o momento oportuno para que Roberto Bruce e João Comyn, herdeiros das mais importantes famílias aristocráticas, sendo Comyn sobrinho do antigo rei João Balliol, assumissem a liderança das próximas rebeliões.

Enquanto isso, Eduardo I consolidou seu poder sobre grande parte do sul da Escócia, enquanto as florestas do norte estavam repletas de focos de resistência escocesa. Em 1299, essa resistência conseguiu capturar a principal fortaleza do Castelo de Stirling. No entanto, Eduardo I respondeu com uma série de invasões em massa nos anos de 1300, 1301 e 1303-1304, “apoiado por um exército de aproximadamente 9.000 homens, ocupando assim todo o sul da Escócia” (MCNAMEE, 2012, p.42).

---

<sup>12</sup> Era uma formação militar que consistia em grandes grupos de homens da infantaria, armados principalmente com lanças, dispostos em círculos ou quadrados. O objetivo dessa formação era resistir aos ataques de cavalaria pesada. Criava-se uma barreira defensiva, como um “ouriço” que era difícil de penetrar (KIFFER, 2018). Apesar de serem eficazes contra a cavalaria (tática muito usada pelos ingleses), essa formação era vulnerável ao ataque de arqueiros e dependia-se muito do terreno que estava sendo usado para guerrear.

Wallace retornaria a Escócia em 1304, porém em 5 de agosto de 1305 foi entregue aos ingleses e em 23 de agosto de 1305 teve sua execução em Londres como um traidor. Barrera (2021, p. 184) nos diz que Wallace foi eviscerado, castrado e teve a suas entranhas queimadas na sua frente e logo depois foi enforcado. Sua cabeça foi colocada em uma lança na London Bridge e seus membros amputados foram exibidos pelas cidades escocesas como prêmio. Esse acontecimento culminou em uma enorme insatisfação entre a aristocracia e a nobreza escocesa. Wallace tornou-se um mártir e um exemplo a ser seguido. Suas histórias de batalha se transformaram em lendas e mitos, e seu nome é lembrado até hoje em livros de história, séries e filmes. Sua importância não foi em vão. Embora se saiba muito pouco sobre ele em termos historiográficos e os registros sejam escassos, limitados a poemas e outras fontes pouco confiáveis, Wallace ainda é fundamental para compreender a resistência escocesa.

## CAPÍTULO II

### A ASCENDÊNCIA DE ROBERT BRUCE

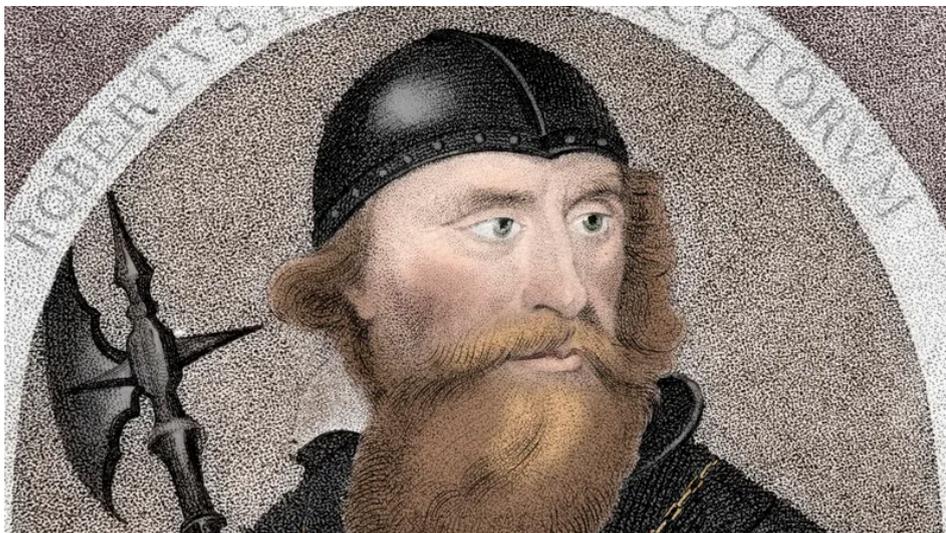
#### **2.1 Roberto I, rei dos escoceses**

Com a morte brutal de William Wallace, a Escócia se viu desamparada. Os sentimentos de inquietação e medo logo voltaram a sobressair. As grandes famílias aristocráticas, apesar do medo de perder suas terras e riquezas, começaram a se destacar cada vez mais. Conforme Barrera (2021) afirma, algumas famílias passaram a jogar um jogo duplo com o rei da Inglaterra, ou seja, ao mesmo tempo que se submetiam a Eduardo I, incentivavam e até forneciam suprimentos para as rebeliões populares e as rebeliões da pequena aristocracia. Um homem muito importante que se encaixa nesse contexto é Roberto Bruce, que, já mais velho, se via cada vez mais determinado a conquistar o trono da Escócia e enfrentar Eduardo I.

Roberto Bruce recebeu diversos apoios para alcançar seu objetivo, tanto do clero quanto da aristocracia laica, mas o que levou esses grupos a apoiarem-no? Alguns certamente já mantinham um vínculo com a família Bruce há anos, mas outros percorreram um caminho que tentaremos entender melhor neste capítulo. Além disso, por meio das documentações que serão apresentadas, a caracterização e o imaginário construído em torno da figura de Bruce podem nos ajudar a compreender ainda mais a questão abordada e o que foram essas guerras de independência da Escócia, os sentimentos gerados por elas e como a figura de um líder representativo se tornava necessária no contexto histórico que a Escócia vivia. Bruce é uma figura complexa, e os eventos que o levaram a conquistar o trono são igualmente controversos, porém essenciais para entender as dinâmicas da aristocracia eclesiástica na época. Sendo assim, neste capítulo usaremos o estudo dos discursos e representações para entender o contexto histórico e as justificativas geradas por essa parte da sociedade, a aristocracia clerical e laica.

## 2.2 As desavenças entre as famílias

**Figura 3:** Robert the Bruce, gravura colorida por um artista desconhecido



**Fonte:** <https://www.britannica.com/biography/Robert-the-Bruce>

Pertencente a uma das famílias mais poderosas da Escócia, Roberto Bruce nasceu em 1274 em Ayrshire no Castelo de Turnberry. Seu pai, como dito anteriormente, era Roberto Bruce, 6º senhor de Annandale. Bruce segundo Barrera (2021) cresceu recebendo uma boa educação em latim, para que pudesse estudar direito, filosofia, história, entre outras disciplinas. Essas disciplinas eram comuns na idade média para as aristocracias clericais e laicas. O autor Jacques Verger, em seu livro chamado *Homens e saber na idade média*<sup>13</sup>, explica muito bem a questão do conhecimento durante o Medievo, ele intitula essa elitização do saber como sendo efeito e resultado de uma cultura erudita e diz: “A cultura erudita, era evidentemente uma cultura elitista.

“[...] É bem claro que as pessoas cultas não representaram nada além de uma pequena minoria, antes de tudo, masculina, da população. [...] Composta por disciplinas bem precisas, de difícil acesso. [...] A uma casta fechada, definida pela detenção de saberes inacessíveis ao homem comum.” (VERGER, 1999, p. 61).

Ou seja, o saber e os livros era algo exclusivo de uma minoria da sociedade, geralmente destinado aos bispos, abades etc., e, também, no caso da Escócia, as grandes famílias aristocráticas. Roberto Bruce fazia parte dessa minoria.

Seu pai e seu avô administravam o caminho para ele pelo trono escocês desde muito jovem, viam nele a oportunidade de usufruir o trono em cima do novo rei João Balliol. A

---

<sup>13</sup> ed. EDUSC. 1999.

autora Barrera (2021) problematiza essas ações da família Bruce, argumenta que tais ações e motivos que guiavam o avô e o pai de Bruce, senhores feudais, eram totalmente egoístas, ações voltadas para o poderio da família e não gerada pela preocupação pelo povo Escocês ou pela sua liberdade diante os acontecimentos que culminaram logo após João Balliol assumir ao trono, guerra e morte.

É importante ressaltar que em diversos momentos, a família Bruce se prostrou ao lado de Eduardo I da Inglaterra, em especial quando Balliol ainda era rei da Escócia e agia fortemente contra os Comyns, uma grande família escocesa que também competia pelo trono na época.

Mostravam que sabiam inclinar a cabeça na direção com a intensidade que eram necessárias para satisfazer, ao mesmo tempo, o rei inglês. e a outra, suas opções no trono da Escócia por meio do jovem Roberto. Ele tinha apenas dezoito anos e sua família fez e desfez em seu nome (BARRERA, 2021, p. 190).

A repulsa a João Balliol e seus aliados, os Comyn, é claramente observada quando os guardiões fazem a aliança defensiva com a França contra a Inglaterra. Nesse momento, vemos a concretização, mais uma vez, da insatisfação da família Bruce, que se alia a Eduardo I, buscando refúgio nas fortalezas de Carlisle e se recusando a juntar-se contra a Inglaterra. Com os Bruces fora da Escócia, os Comyn confiscam a suas terras em Annandale e Carrick, entregando-as ao conde de Buchan. Em 1296, após descobrir a aliança entre a Escócia e a França, Eduardo I decide atacar, e a família que o ajudou em sua primeira investida foram os Bruces, que, na fortaleza de Carlisle, lutaram contra os Comyn. Roberto Bruce mal sabia que, alguns anos mais tarde, estaria diante do castelo de Carlisle, lutando contra a Inglaterra e se legitimando como rei da Escócia (BARRERA, 2021).

Assim, as guerras de independência começaram, e, ao mesmo tempo que a Escócia lutava contra as invasões inglesas em seu território, tinha que lidar com conflitos internos entre as famílias. Quando Eduardo I atacou Berwick e, por fim, Dunbar, o país escocês se viu subjugado pelo rei inglês. João Balliol já não era mais rei, e a primeira coisa que Eduardo I fez, após se estabelecer como senhor da Escócia, foi retomar as terras e fortalezas dos Bruces em Annandale e Carrick. O pai de Roberto Bruce se ajoelhou e jurou fidelidade ao rei inglês ainda em Berwick, e no ano seguinte William Wallace começaria a reunir seus seguidores. Roberto Bruce, entretanto, era um caso à parte em sua família. Juntamente com outros aristocratas e bispos, participou das primeiras revoltas contra a Inglaterra, indo contra a vontade de seu próprio pai.

Após a terrível derrota de Wallace em Falkirk e sua renúncia, Roberto Bruce e João Comyn, inimigos ferozes, foram eleitos Guardiões da Escócia. Roberto Bruce, nesse momento, era o líder da resistência no sudoeste do país. A tensão entre os dois foi tão grande que, em linha com Barrera (2021), um terceiro guardião precisou ser nomeado para apaziguar a situação. Esse terceiro guardião era William Lamberton, bispo de St. Andrews. Seu objetivo como terceiro guardião era, além de estabelecer a paz entre Bruce e Comyn, trazer João Balliol, legítimo rei da Escócia, de volta ao país. Esse era o objetivo maior. Claramente, Bruce e Comyn não eram entusiastas dessa ideia, visto que ela bloqueava as reivindicações de ambos ao trono. Isso se tornaria mais evidente com o passar do tempo, especialmente no caso de Roberto Bruce, que via a volta de João Balliol ao trono como sinônimo de João Comyn governante do reino, tendo em vista que ambos eram aliados fortes um do outro e isso para Bruce era algo inviável e intragável.

Como previsto, ambos renunciam ao título de guardiões, Bruce em 1299 que decide voltar para Annandale e João Comyn que renuncia em 1301 e volta para as suas terras para lidar com seus assuntos pessoais envolvendo seus parentes. Bruce durante todo o período de sua renúncia vinha acumulando a suas forças em Carrick e em observância com o autor Scott (2014) é possível também que ele tenha visitado durante esse tempo as terras da família Bruce na Irlanda do Norte, onde possuía um parente, em específico seu irmão, e, também, fez visitas às terras altas do nordeste da Escócia procurando reservatório de reforços.

Bruce essencialmente ignorava a existência de João Balliol, que, naquele momento, já havia sido liberado pela jurisdição papal para viver livremente no reino da França. O autor Scott (2014) acrescenta que, além da liberação de João Balliol, a França exercia seu poderio cada vez mais sob o monarca inglês, que, em dois anos consecutivos, falhou em suas campanhas na Escócia e foi forçado a aceitar as demandas francesas de trégua com os escoceses, em nome da Escócia, levando em consideração a aliança franco-escocesa. Tais ações, de acordo com o autor, faziam acreditar que o rei da França conseguiria restaurar João Balliol ao trono, o que não agradava nem um pouco a Bruce. Ao ignorar a existência de Balliol, Bruce percorreria um caminho para se legitimar rei da Escócia.

### **2.3 O assassinato de Comyn e a reivindicação ao trono**

Como mencionado anteriormente, Bruce e Comyn eram inimigos ferozes, e muitos eventos podem ser postos à mesa, embora diversos careçam de veracidade historiográfica. A partir deste ponto, teremos que nos afastar da historiografia e adentrar no terreno das lendas e poemas dos supostos relatos sobre o que realmente aconteceu entre os dois. Primeiramente,

devemos voltar ao tempo em que ambos eram Guardiões da Escócia. Nesse período, as tropas inglesas não eram suficientes para ocupar o país e de acordo com Scott (2014), entre 1298 e 1303, a única área sob controle total da Inglaterra era East Lothian. Os escoceses, percebendo essa oportunidade, lançaram um ataque em julho de 1299 à cidade de Roxburgh. As forças unidas dos dois Guardiões, juntamente com a de outros barões<sup>14</sup> e acompanhadas pelo bispo Lamberton exercia uma grande força, porém tiveram que recuar, pois, apesar das forças reunidas a tomada do castelo ainda assim poderia resultar em grandes baixas, e eles não estavam dispostos a correr esse risco.

Diante desse acontecimento, lidamos com um suposto relato de um espião infiltrado entre eles. Conforme Scott (2014), esse relato está preservado no *Public Record Office*, em Londres, embora não haja veracidade historiográfica em relação a ele, o relato descreve um evento em que Comyn teria agarrado o pescoço de Bruce após um forte desentendimento entre os dois. É importante destacar esse acontecimento, pois ele não seria o último desentendimento grave entre Bruce e Comyn.

Barrera (2021) nos fala sobre o poeta João Barbour, autor de *The Brus*, um poema épico, afirma que, após a morte de Wallace, Comyn e Bruce teriam firmado uma aliança na qual Comyn renunciaria ao trono escocês em troca de um pedaço valioso de terra.<sup>15</sup> No entanto, Comyn teria entregado os planos de Bruce ao rei da Inglaterra, e, em 10 de fevereiro de 1306 ambos teriam se encontrado na capela da igreja de Greyfriars para resolver as suas questões, mas apenas um deles saiu vivo daquela igreja. Segundo o poema, Bruce teria esfaqueado Comyn na capela, cometendo assim um crime terrível para época, levando em conta que se tratava de um local sagrado, e tal feito o tornava suscetível à excomunhão.

O autor Mcnamee (2012) acrescenta uma nova versão a lenda, em que ambos ao se encontrarem na capela traziam consigo os seus aliados. João Comyn estava com seu tio ao lado, Roberto Comyn e Bruce com os seus aliados. O autor relata uma versão inversa dos papéis, ao invés de Bruce o matar, ele apenas o golpearia com a espada, mas quem finalizaria o golpe seriam os seus seguidores/aliados. O autor também ressalta que as histórias sobre esse acontecimento vão variar dependendo de quem as conta. “As narrativas escocesas alegam que Comyn havia traído os planos de Bruce de tomar o trono a Edward I, os escritores ingleses invariavelmente acusam Bruce de assassinato” (MCNAMEE, 2012, p.49).

Independentemente de como ocorrerá, assassinato e sacrilégio não eram as respostas esperadas e Mcnamee (2012) afirma que os Comyn não deixaram para lá tal acontecimento e

---

<sup>14</sup> O Conde de Buchan, James Stewart, Robert Keith, Ingram de Umfraville, entre outros.

<sup>15</sup> Lembra-se aqui a importância da terra no Medievo e como a terra estava vinculada ao poderio e dominação.

é provável que Bruce tenha exigido um perdão “Não houve resposta do tribunal; e como último recurso, Bruce foi forçado a afirmar em armas sua reivindicação à realeza. Essa decisão um tanto desesperada parece ter sido tomada durante uma visita fugaz a Robert Wishart, bispo de Glasgow e veterano da resistência” (MCNAMEE, 2012, p.49).

Com a morte de Comyn o caminho estava livre para Roberto Bruce reivindicar o trono e se autodeclarar rei da Escócia. Bruce garantiu a proteção de uma série de castelos<sup>16</sup> que estavam sobre o seu domínio provavelmente com a intenção de manter o caminho aberto para reforços vindos da Irlanda, onde possuía parentes. Conforme Mcnamee (2006), Bruce apressou-se para chegar à abadia de Scone e, no dia 25 de março de 1306, foi coroado rei da Escócia por William Lamberton. Apesar de a Pedra do Destino não estar disponível para que Bruce pudesse ser coroado nela, pois ela havia sido roubada por Eduardo I para enfraquecer a tradição escocesa de coroação, o fato de a cerimônia ocorrer em Scone já representava fielmente a tradição real escocesa. Bruce também possuía os estandartes reais e usava conforme Barrera (2021) o traje tradicional que o bispo de Glasgow havia escondido de Eduardo I quando ele foi atrás dos símbolos escoceses para levá-los para Inglaterra.

---

<sup>16</sup> Castelo de Dumfries, de Dalswinton, Tibbers (mantido por John Seton), Ayr, Loch Doon (um castelo de Bruce, mantido por Christopher Seton), Caerlaverock, Dunaverty (mantido por Malcolm Fitz Lengeys ou MacCulian) e um castelo inacabado em Tolibothvill. Mcnamee (2012)

**Figura 4:** Retrato do século XIII de Eduardo I, pai de Eduardo II.



**Fonte:** Pintura erguida na Abadia de Westminster em algum momento durante o reinado de Eduardo I, acredita-se que seja uma imagem do Rei. **Disponível em:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo\\_II\\_de\\_Inglaterra#/media/Ficheiro:Gal\\_nations\\_edward\\_i.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_II_de_Inglaterra#/media/Ficheiro:Gal_nations_edward_i.jpg)

Em relação ao assassinato de Comyn, Bruce recebeu uma absolvição por tal ato concedida pelo Bispo de Glasgow. O fato de Bruce não ser excomungado por tal ato estava associado à vontade da igreja escocesa em expulsar o mais rápido possível os ingleses do território escocês e assumir novamente o seu poder como instituição dominante da época. Em concordância com Barrera (2021) o motivo da igreja em apoiar Roberto Bruce também estava ligado ao fato que, diferentemente de Comyn, um homem mais difícil de manipular e convencer a usufruir o trono de João Balliol, que querendo ou não ainda no papel era rei da Escócia, Roberto era mais suscetível a aceitar a coroa e ignorar completamente Balliol.

No ano de 1309 na cidade de St. Andrews, Bruce convoca o seu primeiro parlamento e foi nesse momento que uma carta é escrita e selada por pessoas pertencentes à aristocracia clerical e laica<sup>17</sup>, essa carta foi enviada ao rei da França, Filipe IV, para anunciar oficialmente a coroação de Roberto Bruce como o novo rei da Escócia e em resposta ao seu pedido de assistência para uma cruzada. Ao lê-la, é possível perceber as motivações dos bispos e aristocratas em apoiar Bruce como rei o mais rapidamente possível, bem como a maneira como sua figura é retratada. A carta foi enviada em consideração à aliança entre os dois países, sendo necessário reafirmar essa aliança e lembrar ao rei Filipe da devastação da Escócia pela guerra e prometendo ajuda quando a paz fosse alcançada através do novo rei Roberto I. Além disso, Bruce é apresentado como alguém digno do título, ressaltando seu comprometimento com a Igreja, com a causa da Terra Santa e sendo descrito como um homem justo.

Se, portanto, a posição de nosso senhor [o rei, que] dizemos unanimemente ser [...], for exaltada e o reino da Escócia retornar à sua condição anterior de liberdade, tendo sido acalmadas as tempestades da guerra e concedida uma paz segura, então vossa alteza real poderá contar como aliados para alcançar o fim de seu desejo, o serviço de Deus, e para vos ajudar, não apenas o mencionado nosso senhor o rei, mas também os habitantes de seu reino, tanto quanto possam. (LETTER BY MAGNATES OF SCOTLAND, 1309).<sup>18</sup>

É possível identificar que a figura de Roberto Bruce é retratada como o caminho para a liberdade e segurança que o reino precisa no momento, além de ser a garantia para o reino da França do cumprimento da aliança e do oferecimento da ajuda necessária. Em outro momento da carta, percebe-se com mais clareza como a figura de Bruce trouxe aos escoceses mais determinação, mencionando enfaticamente o direito de Roberto Bruce ao trono.

Nossas mentes se alegram, acima de tudo, com a extraordinária e peculiar afeição que [...] dizeis ter pela pessoa do senhor Roberto, pela graça de Deus nosso senhor rei, que foi elevado como nosso líder e príncipe por direito e verdade, e pela justiça e graça do Rei dos Reis. (LETTER BY MAGNATES OF SCOTLAND, 1309).<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> William, conde de Ross, Malcolm, conde de Lennox, William, conde de Sutherland, Alexander Fraser, Gilbert de Hay, Sir Thomas Randolph, Thomas Campbell, entre outros.

<sup>18</sup> If, therefore, the standing of our lord [the king whom] we say unanimously is [...], is exalted and the kingdom of Scotland returns to its former free condition, the tempests of war having been quelled and secure peace having been granted, then your royal highness will be able to have as supporters to achieve the end of your desire, the service of God, and to come to your help, not only our lord the king aforesaid, but also the inhabitants of his kingdom as best they are able. (LETTER BY MAGNATES OF SCOTLAND, 1309).

<sup>19</sup> Our minds are cheered, above all, by the extraordinary and peculiar affection which... you say you have for the person of lord Robert, by the grace of God our lord king, who has been raised up as our leader and prince by right and truth and by the justice and grace of the King of Kings. We therefor [...] your royal devotion for the

Durante os primeiros anos de seu reinado, Roberto Bruce viajava entre as cidades escocesas exigindo serviço militar e dinheiro, prometendo favores em troca de apoio e ameaçando vingança sobre qualquer um que se opusesse. Seus aliados garantiam apoio em algumas cidades, enquanto em outras, Roberto aprisionava e ameaçava de morte aqueles que não se deixavam intimidar ou que se opunham aos seus pedidos.

Ao longo do tempo, o que parecia ser uma esperança acabava por se tornar cada vez um pesadelo. Bruce estava perdendo algumas batalhas contra Eduardo I e suas irmãs, assim como a sua mulher e sua filha foram capturadas e entregues ao rei da Inglaterra. Seu irmão Neil Bruce também acabou por falecer, “foi arrastado, enforcado e decapitado em Berwick, o primeiro dos quatro irmãos Bruce a morrer na guerra” (MCNAMEE, 2006, p. 54). Com relação a Eduardo I e sua resposta à coroação de Bruce, podemos afirmar que o rei da Inglaterra definitivamente não o reconhecia como rei da Escócia e o via como um traidor do seu senhor feudal e um inimigo. Sua resposta foi partir para a Escócia juntamente com o seu filho Eduardo II. Como dito anteriormente, Roberto em desvantagem por estar a apenas meses no poder, sofreu derrotas significativas em Methven e Dalrigh e foi nesse contexto que seus parentes acabaram por ser aprisionados e no caso de seu irmão, executado.

Com as derrotas e aprisionamentos, Bruce decide se exilar e busca refúgio nas Hébridas<sup>20</sup>escocesas. Seu refúgio foi garantido segundo Barrera (2021) por Cristina McRuairi, esposa de um membro da família Mar, que tinha relações muito próximas com a família Bruce. Cristina garantiu o seu sustento durante o tempo em que se refugiou e conforme a autora afirma, a mesma proporcionou além de suprimentos, homens e navios à sua causa. Em fevereiro Bruce decide que chegou o momento de regressar das ilhas e trabalhar em uma vitória o mais rápido possível, sendo assim, desembarca em sua terra natal, o senhorio de Carrick e ao longo dos meses prepara uma emboscada em um dos vales escoceses, Glen Trool. Como esperado, um dos comandantes ingleses chamado Aymer de Valence, conde de Pembroke, que já tinha uma vitória em cima de Bruce no castelo de Methven, decide juntamente com um grupo de guerreiros, averiguar a situação. Os escoceses os receberam arremessando enormes pedras da encosta em que estavam e conseguiram a sua primeira vitória. Por mais que significasse que tinham ganhado em cima dos ingleses, não era um sucesso significativo, precisavam de mais e Roberto I conseguiria isso em 1307 na batalha de

---

affairs of the holy land... and for the regard you have towards our lord king, and we return all the thanks we can to your royal majesty for the restoration of the liberties and rights of the kingdom of Scotland. (LETTER BY MAGNATES OF SCOTLAND, 1309).

<sup>20</sup> Ilhas localizadas na costa oeste da Escócia.

Loudoun Hill apesar da esmagadora superioridade de homens ingleses em comparação com os seus.

Roberto I decide se encaminhar para o norte, seguindo para as terras altas com o objetivo de expulsar os ingleses e no verão do mesmo ano invade e retoma castelos como o de Inverlochy, atual Fort William e o castelo de Urquhart, localizado às margens do lago ness. Porém, o objetivo de Bruce não era apenas a expulsão dos ingleses, mas também eliminar qualquer inimigo que se mostrasse contra a sua causa e a sua coroa tão logo que em maio de 1308 ele finalmente derrotou o conde de Buchan e pertencente a família Comyn na batalha de Inverurie. Ademais, ordenou que um de seus vários irmãos matasse milhares de escoceses que juraram lealdade aos Comyns em suas terras em Aberdeenshire e expulsasse também todos os ingleses de lá.

Após o seu primeiro parlamento em St. Andrews em março de 1309 já mencionado anteriormente e apoiado pela maior parte da aristocracia e da igreja escocesa, os cinco anos seguintes Bruce conseguiu controlar grande parte dos castelos da Escócia, só deixando apenas um à mercê dos ingleses: Stirling. A conquista do castelo de Stirling significava a expulsão dos ingleses para sempre do território e “lhe daria a opção de trazer de volta os nobres escoceses e as mulheres de sua família que estavam do outro lado da fronteira” (BARRERA, 2021, p. 205).

Em 1307, Eduardo I faleceu aos quase setenta anos, e em fevereiro de 1308, seu filho casou-se com Isabella da França, filha do rei Filipe IV. Segundo Kiffer (2018), esse casamento fazia parte de um grande esforço da Inglaterra para amenizar os conflitos com a França. Eduardo II foi então coroado como o novo rei da Inglaterra e se tornaria o mais recente inimigo mortal de Roberto I. No entanto, nos primeiros anos de seu reinado, questões internas chamaram mais a atenção do novo monarca do que a situação com os escoceses. A relação de Eduardo II com Piers Gaveston, conde da Cornualha e membro da criadagem inglesa desde 1300, incomodava profundamente os barões e a família real. A arrogância de Gaveston, de acordo com Kiffer (2018), pode ter sido um dos motivos para o descontentamento, levando não apenas ao exílio forçado de Gaveston, mas também à sua morte pelas mãos de um grupo de aristocratas ingleses, o que desencadeou vários confrontos dentro da aristocracia.

**Figura 5:** Eduardo II e seu favorito Piers Gaveston Marcus Stone, 1872.



**Fonte:** A pintura Eduardo II e seu favorito, Piers Gaveston, de Marcus Stone, 1872.

Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo\\_II\\_de\\_Inglaterra#/media/Ficheiro:Edward\\_II\\_&\\_Gaveston\\_by\\_Marcus\\_Stone.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_II_de_Inglaterra#/media/Ficheiro:Edward_II_&_Gaveston_by_Marcus_Stone.jpg)

A morte de Eduardo I também impulsionou Roberto Bruce a intensificar os seus ataques pelo norte da Inglaterra,

A sua luta baseava-se em quatro elementos: a demolição de castelos (para evitar que o inimigo os guarnecesse), a chantagem para alcançar a lealdade ou a neutralidade, a procura e destruição de terras inimigas e o combate nas florestas onde o terreno favoreceria as suas estratégias de ataque (IRACHETA, 2020, p. 21).

Apesar dos problemas políticos internos na Inglaterra, Bruce conseguiu desviar a atenção de Eduardo II para a Escócia quando, em 1314, seu irmão, Eduardo Bruce, iniciou um cerco ao castelo de Stirling, forçando o rei inglês a enviar um exército de resgate, composto, Barrera (2021) estima, por vinte mil homens, entre eles Aymer de Valence, Humphrey de Bohun, Gilbert de Clare, Robert de Clifford, entre outros. Assim começaria a famosa Batalha de Bannockburn, uma das mais importantes batalhas campais<sup>21</sup>, que deu a vitória aos escoceses e a libertação de seu país das mãos da Inglaterra. Essa batalha é marcada pela surpreendente vitória dos escoceses, que, em comparação aos ingleses, possuíam um número muito menor de homens. O uso inteligente da geografia do local foi um grande trunfo para os

---

<sup>21</sup> Confrontos militares que aconteciam em terrenos abertos, fora de fortificações ou cidades muradas. A estratégia, o terreno e a formação das tropas, que incluíam infantaria, cavalaria e arqueiros, eram fatores cruciais.

escoceses. Os ingleses, para chegar à cidade, tiveram que atravessar uma área pantanosa ao redor do riacho de Bannock, enquanto, do outro lado, cerca de seis mil homens escoceses, inclusive Roberto I, já os aguardavam.

## 2.4 A batalha e a vitória dos escoceses

**Figura 6:** Representação da Batalha de Bannockburn na Bíblia de Holkham.



**Fonte:** Uma representação da Batalha de Bannockburn da Bíblia de Holkham, 1327-35.

**Disponível em:**

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo\\_II\\_de\\_Inglaterra#/media/Ficheiro:Battle\\_from\\_Holkham\\_Bible.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_II_de_Inglaterra#/media/Ficheiro:Battle_from_Holkham_Bible.jpg)

O exército escocês usou-se de uma tática muito interessante e comentada pelo autor Kiffer (2018) que destaca o fato de que durante a batalha, os cavaleiros escoceses, que eram poucos em comparação aos ingleses, desciam de seus cavalos e juntavam-se a infantaria na batalha. Tal ação não era comum nesse período comenta o autor, e foi um dos aspectos dentro da batalha que favoreceu o resultado de vitória dos escoceses, tanto que, tal ação foi copiada e refinada pelos ingleses durante a Guerra dos Cem anos<sup>22</sup>.

No período medieval a cavalaria manteve por muito tempo, a superioridade no campo de batalha. Cavaleiros pesadamente encouraçados representavam um formidável inimigo [...]. Para derrotar esta cavalaria, a infantaria precisava lançar uma grande quantidade de flechas, num combate à distância ou confiar numa massa compacta de homens, armados com piques, num combate aproximado ao estilo das falanges gregas (KIFFER, 2018, p. 52).

A estratégia usada pelos escoceses era formada pelos chamados *schiltrons*, de acordo com Kiffer (2018) esse termo é datado pelo menos a 1000 d.C e é derivado a expressão anglo-saxã *shield wall* (muro de escudos). A formação de um muro de escudos e lanças já vem de muito antes na história das guerras de independência, sendo utilizada ainda mesmo na batalha de Falkirk. Já na Batalha de Bannockburn, anos depois, duas formações distintas foram criadas a partir dos *schiltrons*. A primeira era mais defensiva, com um formato circular, em que as fileiras da frente se ajoelhavam com as lanças cravadas no chão, enquanto a fileira de trás apontava suas lanças sobre as cabeças dos companheiros à frente. A segunda formação era mais ofensiva, que envolvia o uso de machados e piques<sup>23</sup>, essa formação em específico foi muito importante para a vitória escocesa na batalha. “Em linhas gerais os piques (ou lanças) formavam barreiras ao conjunto cavaleiro-cavalo, enquanto os machados saiam da formação para golpeá-los e derrubá-los” (KIFFER, 2018, p. 52).

Os ingleses, ao chegarem ao campo aberto, dividiram-se em três grandes grupos, assim como os escoceses. Do lado inglês, na vanguarda, estavam posicionados o conde de Gloucester, Gilberto de Clare, um dos mais fortes apoiadores de Eduardo II, e o conde de Hereford. Na outra vanguarda encontravam-se o conde de Clifford e o conde de Beaumont, enquanto, no centro e na retaguarda, estavam Eduardo II e seus homens. Do lado escocês, Tomás Randolph, conde de Moray, comandava a vanguarda ao sul de Stirling, enquanto

---

<sup>22</sup> A Guerra dos Cem Anos (1337–1453) foi um conflito prolongado entre o Reino da Inglaterra e o Reino da França, com duração de 116 anos. A guerra teve origem em disputas dinásticas e territoriais.

<sup>23</sup> Arma longa usada durante a idade média, principalmente utilizada pela infantaria. Geralmente possuindo de 3 a 5 metros de comprimento, com uma ponta metálica. Seu principal uso era para enfrentar ataques de cavalaria, tanto leve quanto pesada, sendo uma ferramenta essencial para a defesa contra essas investidas

Robert I liderava a retaguarda. O irmão de Bruce, Eduardo, liderava a terceira divisão (KIFFER, 2018, p. 58).

As divisões de Clifford foram detidas pelos schiltrons de Moray assim como a divisão de Gloucester que foi impedida pelos schiltrons de Eduardo Bruce. Mais ao sul, o rei escocês e o cavaleiro inglês Henrique de Bohun, sobrinho do conde de Hereford, travavam um combate mais isolado. De acordo com Kiffer (2018), Bruce matou Bohun com o seu machado e a infantaria escocesa avançou ainda mais sobre os ingleses, que avançaram em retirada. A batalha que começou no dia 23 de junho de 1314 durou dois dias.

Na madrugada do dia 24, o exército inglês avançou pelo riacho, mas foi surpreendido e atacado. Os escoceses saíram da floresta e pegaram os ingleses de surpresa. Ao amanhecer, os lanceiros escoceses atacaram novamente, utilizando a formação inusitada mencionada anteriormente, o que desestabilizou ainda mais as tropas inglesas. “Eles eram guerreiros com armaduras leves, montados em pequenos cavalos, que seguiam uma estratégia de bater e correr e podiam desmontar para lutar, se necessário” (MCNAMEE, 1998, 23-24). Muitos comandantes ingleses morreram na batalha, e metade do exército de Eduardo II foi abatido. No entanto, o rei inglês conseguiu escapar. Tentou buscar abrigo no castelo de Stirling, mas teve seu pedido negado. Apressado, montou em seu cavalo e conseguiu chegar à cidade de Dunbar com sua guarda pessoal, antes de embarcar para Berwick e, de lá, seguir em segurança para a cidade inglesa de York (Barrera, 2021).

Afirma Kiffer (2018) que o lado escocês contava com 8.500 homens, com uma infantaria forte, alternando o combate entre montados e desmontados. Já o exército inglês tinha 19.500 homens, com sua cavalaria sendo o maior trunfo.

Chegado ao fim da batalha, Roberto I havia consolidado a independência da Escócia, superando a quantidade numérica de inimigos ingleses através de suas táticas de batalha e o terreno do ambiente em que a mesma ocorreu. De acordo com Barrera (2021), graças aos prisioneiros ingleses capturados pelos escoceses, foi possível negociar uma troca. Com isso, Roberto I conseguiu recuperar suas irmãs, sua filha e sua esposa, além de libertar seu aliado, o bispo de Glasgow, que havia sido feito prisioneiro pelos ingleses. Com a sua vitória, muitos aristocratas escoceses acabariam por reconhecer formalmente Roberto I como o rei da Escócia e aqueles que ainda se opusessem seriam forçados ao exílio do reino.

No que se refere ao irmão de Roberto I, Eduardo Bruce, este foi enviado para expulsar os ingleses da Irlanda e pressionar ainda mais a Inglaterra, que naquele momento tomava conta do território, caso sua tentativa fosse bem-sucedida, ele se proclamaria rei da Irlanda. Segundo Barrera (2021), os irmãos Bruce tinham o plano de unir a Escócia e a Irlanda em

uma aliança gaélica, mas muitos aristocratas irlandeses não receberam bem essa ideia. Quando Eduardo Bruce morreu na Batalha de Fochart, nenhum desses aristocratas irlandeses demonstrou remorso. Assim, o sonho de união entre os dois reinos desmoronou.

Eduardo II não conseguia aceitar o final da batalha e nem mesmo Bruce como rei. A sua negação à decisão da coroa escocesa já era clara muito antes da batalha, quando ainda em 1306 Roberto Bruce assumia o trono, ele ainda era considerado um traidor do senhor feudal da Escócia (Eduardo I) e ainda era visto como um inimigo da Inglaterra. De acordo com o autor Prestwich (...), cartas da época iriam se referir a Roberto Bruce como Senhor Roberto e não Rei e isso deixaria Bruce com ainda mais raiva da situação. Apesar das batalhas e até mesmo de quase ser capturado pelos Escoceses anos à frente, Eduardo II ainda não reconheceria a Escócia como independente e Roberto I como o seu rei, até a sua morte.

É importante destacar que, para os ingleses, a derrota em Bannockburn resultou em um maior desgaste na região norte da Inglaterra, que, desde o início do conflito, havia sido constantemente atacada e saqueada pelas incursões escocesas, cada vez mais organizadas, ao ponto de atingirem o sul, na região de Yorkshire, em 1316. Os habitantes da área Norte tornaram-se vulneráveis aos líderes escoceses, sendo forçados a pagar tributos a eles. Dessa forma, o norte da Inglaterra sofreu significativa influência escocesa, enquanto Eduardo II continuava a negligenciar a região devido aos problemas internos com a aristocracia inglesa.

Em 1320 Robert Bruce endereçou uma declaração para o Papa João XXI, pedindo para que este reconhecesse a Escócia como independente e ele próprio como rei legítimo do país. Essa declaração além de ter sido endereçada com esse intuito, tinha como objetivo retirar a excomunhão de Robert Bruce que foi feita pelo Papa. O motivo da excomunhão foi que durante alguns anos, o papa havia tentado firmar paz entre os dois países, porém os escoceses quebraram um desses acordos de paz em 1318, quando Robert Bruce recapturou a cidade de Berwick dos ingleses. Sendo assim, a carta foi escrita diplomaticamente com o intuito de persuadir o Papa a apoiar as causas escocesas e reconhecer a Escócia como independente e o Bruce como o rei legítimo. A chamada *The Declaration of Arbroath 1320*<sup>24</sup> foi uma carta escrita e selada pela aristocracia clerical e laica para o papa João XXI.

Essa declaração representou um passo crucial para o reconhecimento da posição de Roberto Bruce e da Escócia como um reino livre e independente, não apenas pelos ingleses, mas também por outros reinos. Esse documento culminaria no Tratado de Edimburgo-Northampton, em 1328, que encerraria definitivamente as Guerras de

---

<sup>24</sup> A Declaração de Arbroath 1320.

Independência da Escócia contra a Inglaterra e forçaria o reconhecimento formal da Escócia como um reino soberano.

Em relação à Declaração de 1320, é possível identificar, em alguns de seus trechos, o imaginário da aristocracia eclesiástica escocesa sobre os ingleses e Eduardo I e II, bem como as relações de poder entre as aristocracias eclesiástica e laica. Em várias passagens do documento, os ingleses e o rei Eduardo I e II são descritos como invasores que aproveitaram a vulnerabilidade do reino escocês para subjugar-lo e conquistar suas terras. Também é possível percorrer sobre a figura de Roberto Bruce, como ele era visto por essa aristocracia.

Mas desses incontáveis males fomos libertados, pela ajuda d'Aquele que, embora nos aflige, cura e restaura, por nosso incansável príncipe, rei e senhor, o senhor Roberto. Ele, para que seu povo e sua herança fossem libertados das mãos de nossos inimigos, suportou alegremente o trabalho e a fadiga, a fome e o perigo, como outro Macabeu ou Josué. [...] E pelo devido consentimento e assentimento de todos nós, foi feito nosso príncipe e rei. A ele, como o homem por meio de quem a salvação foi alcançada para o nosso povo, estamos ligados tanto por seu direito quanto por seus méritos, para que nossa liberdade continue sendo mantida. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5)<sup>25</sup>

Nesse trecho é retratado a figura de Roberto como um homem que lutou pelo seu povo e nunca teve a sua fé abalada apesar das adversidades que lhe atingiram, desde o momento em que ficou exilado, as derrotas no começo do seu reinado até a prisão de seus familiares, mas que ele, o senhor dos Escoceses, lutou pelo seu povo. Fica-se o questionamento se essa era realmente a intenção de Bruce ao começar a participar intensivamente das guerras da independência. No final do trecho acrescenta-se mais uma vez a confirmação do consentimento de todos os aristocratas tanto clericais quanto laicos sobre Bruce como seu legítimo rei. A declaração foi selada por oito condes e cerca de quarenta barões e de acordo com os registros nacionais da Escócia, atualmente só foram preservados 19 selos do que poderia ser originalmente 50. Entre os selos temos os nomes de Alexander Fraser, David Graham e Marie Ramsay, entre outros. Porém em outra parte do documento, os mesmos elogios se tornam um aviso por parte desses que a escrevem e selam o documento.

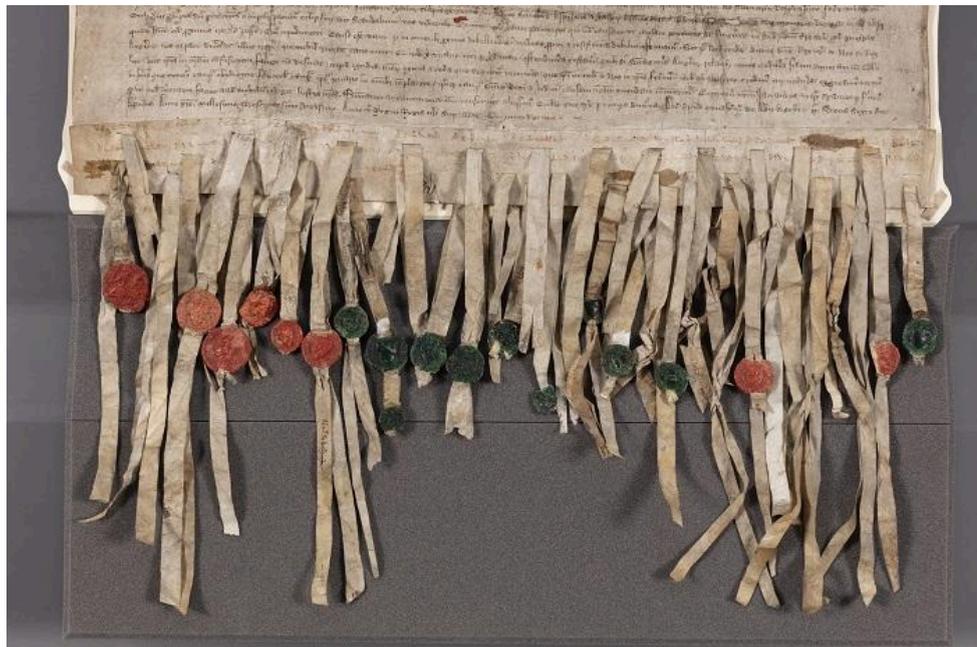
---

<sup>25</sup> But from these countless evils we have been set free, by the help of Him who though He afflicts yet heals and restores, by our most tireless prince, King and lord, the lord Robert. He, that his people and his heritage might be delivered out of the hands of our enemies, bore cheerfully toil and fatigue, hunger and peril, like another Maccabaeus or Joshua. [...] And the due consent and assent of us all have made our prince and king. To him, as to the man by whom salvation has been wrought unto our people, we are bound both by his right and by his merits that our freedom may be still maintained, and by him, come what may, we mean to stand. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5)

Contudo, se ele desistir do que começou buscando nos tornar, a nós ou ao nosso reino, sujeitos ao rei da Inglaterra ou aos ingleses, deveríamos nos esforçar imediatamente para expulsá-lo como nosso inimigo [...], e colocar outro homem, que fosse capaz de nos defender, como nosso rei; pois, enquanto cem de nós permanecerem vivos, nunca, sob qualquer condição, seremos submetidos ao domínio dos ingleses. Na verdade, não é por glória, nem por riquezas, nem por honrarias que estamos lutando, mas apenas por liberdade, a qual nenhum homem honesto abandona senão com a própria vida. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5)<sup>26</sup>

Esse trecho revela a determinação da aristocracia escocesa, especialmente a clerical, e o poder que ela exercia nesse período histórico. Além disso, destaca a forma como os ingleses são retratados como usurpadores, aqueles que roubaram suas terras. Fica evidente que, independentemente dos esforços da Inglaterra, os escoceses nunca cessariam sua luta pela liberdade e jamais aceitariam qualquer senhor que não fosse o rei da Escócia. A mensagem transmite a ideia de que nenhum ato da Inglaterra seria tolerado, e que sua dominação nunca seria aceita pelos escoceses.

**Figura 7:** Detalhe da Declaração de Arbroath mostrando selos, 6 de abril de 1320



**Fonte:** Registros Nacionais da Escócia, SP13/7. Disponível em:

<https://www.nrscotland.gov.uk/Declaration>

<sup>26</sup> Yet if he should give up what he has begun, seeking to make us or our kingdom subject to the King of England or the English, we should exert ourselves at once to drive him out as our enemy [...], and make some other man who was well able to defend us our King; for, as long as a hundred of us remain alive, never will we on any conditions be subjected to the lordship of the English. It is in truth not for glory, nor riches, nor honours that we are fighting, but for freedom alone, which no honest man gives up but with life itself. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5)

Em outra parte do documento, é possível identificar um apelo ao Papa para que ele venha a advertir Eduardo II sobre a sua insistência desmedida em não reconhecer a independência da Escócia e a legitimidade de Roberto I como rei. Para mais, nota-se um esforço de persuasão, solicitando ao Papa que compreenda as razões dessas lutas constantes e, assim, também reconheça o direito de Roberto I ao trono e a causa escocesa.

Tu, em quem não há nem distinção nem diferença entre judeu e grego, escocês ou inglês, olharás com os olhos de um pai para os problemas e privações que os ingleses nos trouxeram, a nós e à Igreja de Deus. Que te agrade advertir e exortar o rei dos ingleses, que deveria se contentar com o que lhe pertence, já que a Inglaterra costumava ser suficiente para sete reis ou mais, para que nos deixe, nós, os escoceses, em paz, que vivemos nesta pobre e pequena Escócia, além da qual não há mais nenhum lugar habitável, e não cobizamos nada além do que é nosso. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5)<sup>27</sup>

O documento retrata os ingleses como responsáveis por diversas privações, que trouxeram à população, à aristocracia e, em particular, à Igreja escocesa, inúmeras turbulências, adversidades e aflições. O pedido é para que o Papa seja compreensivo em relação a essas questões, analisando o lado escocês da história de maneira imparcial, com a sensibilidade e justiça “como os olhos de um pai”. Além disso, os autores justificam que, antes de Eduardo I, a Inglaterra não havia demonstrado a intenção de transformar a Escócia em um reino vassalo. Eles recordam que, até sete reis ou mais antes dele, havia paz entre os dois reinos. No entanto, com Eduardo I e sua insistência irracional, sendo a Inglaterra um reino muito maior e mais rico em terras do que a Escócia, descrita como um país frio, especialmente nas terras altas, e com pouca terra fértil para a agricultura, a invasão parecia ilógica. Além disso, o documento ressalta que a Escócia, em nenhum momento, demonstrou sinais de agressividade em relação à Inglaterra.

Por fim, a aristocracia clerical e laica escocesa retrata Eduardo I, mais uma vez, como um rei agressor que explora seus vizinhos menores, com pouca resistência, subjugando-os. Ao longo do documento, Eduardo I é consistentemente apresentado de maneira negativa, como alguém insatisfeito com aquilo que já possui — terras mais férteis e prósperas em comparação com o reino da Escócia. Segundo a fonte, ele busca uma guerra que os escoceses desejam apenas que termine. No final do documento, a aristocracia adverte o Papa, referido como

---

<sup>27</sup> You are there is neither weighing nor distinction of Jew and Greek, Scotsman or Englishman, you will look with the eyes of a father on the troubles and privations brought by the English upon us and upon the Church of God. May it please you to admonish and exhort the King of the English, who ought to be satisfied with what belongs to him since England used once to be enough for seven kings or more, to leave us Scots in peace, who live in this poor little Scotland, beyond which there is no dwelling-place at all, and covet nothing but our own. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5)

Vigário de Cristo, para que não se deixe influenciar pelas narrativas inglesas e, assim, favoreça injustamente a Inglaterra, o que poderia resultar em consequências desastrosas, tanto em termos de vidas humanas (através da guerra e mortes) quanto espirituais (impactando as almas). O Papa seria, então, responsabilizado por tais resultados, caso ocorressem. Assim, Eduardo I é retratado como um oportunista, preocupado apenas com a expansão de seu próprio reino, desrespeitando a cultura e a soberania escocesa e ameaçando a paz de seus cidadãos.

A verdadeira razão que os impede é que, ao fazerem guerra contra seus vizinhos menores, encontram vantagem mais prontamente e resistência mais fraca. Mas com quanta disposição nosso senhor, o Rei, e nós também iríamos até lá se o rei dos ingleses nos deixasse em paz, [...] e declaramos isso a vós, como Vigário de Cristo, e a toda a cristandade. Mas, se vossa Santidade der demasiada fé às histórias que os ingleses contam e não acreditar sinceramente em tudo isso, nem se abster de favorecê-los em nosso detrimento, então o massacre de corpos, a perdição de almas e todas as outras desgraças que se seguirão, infligidas por eles a nós e por nós a eles, acreditamos que serão seguramente atribuídas a vossa responsabilidade pelo Altíssimo. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5-6).<sup>28</sup>

Conforme afirma o autor Scott (2014), o impacto da declaração foi grande e imediato, principalmente sobre o Papa, que, após a declaração, enviou uma carta severa ao rei da Inglaterra, induzindo-o a fazer paz com o reino da Escócia. O rei inglês nomeou comissários para resolver essa questão com os escoceses de forma permanente, e essas negociações se arrastaram por mais alguns anos. Os ingleses, em comparação com os escoceses, tinham uma vantagem: o número de representantes presentes junto ao Papa, que o persuadiam, prolongando essa questão por mais alguns anos, até seu término com Eduardo III.

Sabe-se que Roberto Bruce, após a Batalha de Bannockburn, ofereceu paz em troca do reconhecimento de seu título, mas Eduardo II rejeitava constantemente todas as propostas. Seu fracasso em Berwick, a insatisfação dos aristocratas ingleses, as lamentações da igreja e as cidades inglesas no norte devastadas sem auxílio do rei não o permitiram ceder em seu orgulho e no sonho herdado de seu pai: conquistar a Escócia a qualquer custo. No entanto, a resistência pela liberdade e a fé em um reino escocês livre e independente foram mais fortes.

---

<sup>28</sup> The real reason that prevents them is that in making war on their smaller neighbours they find a readier advantage and weaker resistance. But how cheerfully our lord the King and we too would go there if the King of the English would leave us in peace, [...] and declare it to you as the Vicar of Christ and to all Christendom. But if your Holiness puts too much faith in the tales the English tell and will not give sincere belief to all this, nor refrain from favouring them to our undoing, then the slaughter of bodies, the perdition of souls, and all the other misfortunes that will follow, inflicted by them on us and by us on them, will, we believe, be surely laid by the Most High to your charge. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5-6).

Os sonhos de Bruce, baseados em uma causa maior ou em uma ambição familiar, acabaram por simbolizar a luta pela soberania escocesa, culminando na eventual libertação do país e no reconhecimento de sua independência.

## CONCLUSÃO

A morte de Alexandre III e a falta de um sucessor direto ao trono criaram um vácuo de poder na Escócia, levando à interferência de Eduardo I, rei da Inglaterra, que se declarou senhor feudal da Escócia. Esse momento de incerteza foi marcado pela ascensão de João Balliol ao trono, o que gerou tensões entre as grandes famílias aristocráticas, especialmente os Bruce e os Comyn. Enquanto os Comyn ganhavam cada vez mais influência dentro do reino, os Bruce resistiam a essa concentração de poder, acreditando cada vez mais que o reino da Escócia lhes pertencia. Esse conflito entre as famílias aristocráticas levou à formação de alianças estratégicas, tanto entre si, quanto com o clero, que nesse momento representava uma instituição poderosa. Sem o apoio da igreja, dos bispos e do papa, por exemplo, Roberto Bruce não conseguiria declarar-se rei da Escócia.

As Guerras de Independência da Escócia trouxeram consigo um cenário de desespero, incertezas, mortes e fome, além de impor um status de urgência para todos que viviam naquele contexto. No entanto, essas guerras também revelaram nomes importantes, hoje lembrados como heróis da independência escocesa, como William Wallace. Além disso, esses conflitos marcaram batalhas que ainda são estudadas e mencionadas devido à sua enorme importância histórica. Exemplos como a Batalha da Ponte de Stirling e a Batalha de Bannockburn em 1314 continuam a ser objetos de pesquisa em diferentes áreas e referência até os dias atuais, demonstrando seu impacto e significado duradouro.

A persistência dos escoceses em defender seu território através dessas famosas batalhas, mesmo em desvantagem numérica em comparação com os ingleses, foi motivada pela defesa de sua história, seus símbolos e suas terras, que eram constantemente atacadas e saqueadas pelos ingleses. Os escoceses não viam justificativa plausível para os atos de Eduardo I, que forçava aristocratas ligados ou não a igreja a se submeterem ao seu poder. A imposição de ações que conflitavam com os interesses da aristocracia escocesa gerou descontentamento e, inevitavelmente, levou à resistência. Não aceitaram que, apesar de Eduardo I possuir uma ligação com a antiga família reinante da Escócia, um rei inglês pudesse destruir ou saquear o que considerasse valioso e essencial. Isso os empurrou para as batalhas, na defesa incansável de seu território e de seus direitos.

Roberto I surgiu como o nascer do sol em um período de grande turbulência, incerteza e neblina. Suas intenções exatas ao se proclamar rei da Escócia podem ser questionadas, pois não se sabe ao certo qual era o seu verdadeiro objetivo. No entanto, é evidente que tanto a aristocracia clerical quanto a laica apoiavam Bruce como seu rei. Seja por alianças

estratégicas ou por pressão, como ocorreu com algumas famílias aristocráticas. A documentação da Declaração de Arbroath de 1320<sup>29</sup> evidencia que o título de rei para Roberto Bruce foi consensual entre os líderes escoceses, que estavam cientes de sua posição. Além disso, no documento, percebe-se uma grande valorização de sua figura, retratando-o como um salvador, um homem de coragem que apareceu no momento certo e agiu de forma honrada e fiel. Cita-se aqui um trecho da documentação que demonstra um pouco como a figura de Bruce era retratada por essa aristocracia.

Ele, para que seu povo e sua herança pudessem ser libertados das mãos de nossos inimigos, suportou alegremente o trabalho e a fadiga, a fome e o perigo, como outro Macabeu ou Josué. Ele, também, a providência divina, a sucessão ao seu direito de acordo com nossas leis e costumes que manteremos até a morte, e o devido consentimento e assentimento de todos nós fizeram nosso príncipe e rei. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5).<sup>30</sup>

Além desses fatores, observa-se as complexas relações entre Roberto Bruce e os dois monarcas ingleses, Eduardo I e Eduardo II. Desde as primeiras revoltas em que Bruce esteve envolvido, Eduardo I já nutria desconfiança em relação a ele, percebendo que não poderia confiar plenamente em sua lealdade. No entanto, o que mais se destaca é a postura de seu filho, Eduardo II, que, apesar das vitórias obtidas por Bruce e até mesmo do reconhecimento do Papa quanto à sua posição como rei da Escócia, recusava-se a reconhecê-lo como soberano legítimo. Essa relação conflituosa e intrigante entre Bruce e Eduardo I e Eduardo II é recorrente na bibliografia e nas documentações sobre o tema.

Durante a realização desta pesquisa, novas questões surgiram a partir das leituras e dos resultados obtidos, especialmente no que diz respeito aos objetivos de Roberto Bruce ao se envolver nas revoltas. A dúvida central que surge é em relação a sua participação nas batalhas e revoltas, se essa participação tinha como objetivo principal salvar o povo escocês ou se suas motivações eram mais voltadas para ambições pessoais e familiares, relacionadas à crença no direito ao trono da Escócia. Além disso, o estudo das batalhas, em particular a Batalha de Bannockburn em 1314, e as estratégias adotadas tanto pelos ingleses quanto pelos escoceses, oferece uma oportunidade para investigar mais a fundo o funcionamento da guerra no período

---

<sup>29</sup> FERGUSSON, Sir James. *The Declaration of Arbroath*, ed. Edinburgh, 1970.

<sup>30</sup> He, that his people and his heritage might be delivered out of the hands of our enemies, bore cheerfully toil and fatigue, hunger and peril, like another Maccabaeus or Joshua. Him, too, divine providence, the succession to his right according to our laws and customs which we shall maintain to the death, and the due consent and assent of us all have made our prince and king. To him, as to the man by whom salvation has been wrought unto our people, we are bound both by his right and by his merits that our freedom may be still maintained, and by him, come what may, we mean to stand. (THE DECLARATION OF ARBROATH, 1320, p. 5).

medieval. Questões como o papel da cavalaria, o uso de cavalos e o que era necessário para participar de uma guerra na Idade Média, tornam-se aspectos centrais para essa análise. Essas investigações abrem um campo de estudo sobre a cavalaria e seus valores, proporcionando ao leitor uma compreensão mais detalhada e abrangente das complexidades do período medieval.

O estudo das relações entre França, Escócia e Inglaterra, também parecem importantes para análise, assim como o vínculo entre Roberto Bruce e seu irmão mais novo, Eduardo Bruce. A atuação de Eduardo Bruce parece intrinsecamente ligada às Guerras de Independência da Escócia, com sua participação exercendo uma grande influência tanto nos acontecimentos quanto nas decisões de Roberto Bruce. Acredito que a figura de Eduardo Bruce merece uma atenção mais aprofundada em estudos futuros, assim como a participação da França e a postura do rei francês, que desempenharam um papel significativo no contexto das Guerras de Independência.

Ao estudar as Guerras de Independência, surgiram questionamentos anteriores a esses conflitos, especialmente em relação à formação do povo escocês, suas crenças e sua longa e complexa relação com a Inglaterra. O estudo da Britânia, dos pictos, dos bretões, scotos e da ocupação romana sobre a região da Bretanha ampliou o interesse por futuras pesquisas. Esses temas históricos, que envolvem a origem do povo escocês e as influências externas sobre sua cultura e sociedade, abrem um campo vasto para uma investigação mais profunda, revelando camadas essenciais para entender o desenvolvimento da identidade escocesa ao longo dos séculos.

## REFERÊNCIAS

### **Documentação medieval impressa e disponível em repositórios acadêmicos na Internet**

BROWN, K. M. et al. (eds.). **The confirmation of the Scottish treaty**. The Records of the Parliaments of Scotland to 1707. St Andrews, 2007-2024. A1296/2/1. Disponível em: <https://rps.ac.uk/>.

BROWN, K. M. et al. (eds.). **Letters: by the magnates of Scotland to Philip IV, king of France**. The Records of the Parliaments of Scotland to 1707. St Andrews, 2007-2024. 1309/1. Disponível em: <https://rps.ac.uk/>.

DICKINSON, W. Croft; DONALDSON, Gordon; MILNE, Isabel A. **A Source Book of Scottish History: Vol. I, From the Earliest Times to 1424**, i, 144- 145, ed. Edinburgh University Press, 1952.

FERGUSSON, Sir James. **The Declaration of Arbroath**, ed. Edinburgh, 1970.

### **Bibliografia**

ALVES, B. Giovanni. **Os escoceses e as guerras de independência da Escócia (1296-1328): sob o olhar inglês no saltério de Luttrell**. Ciclo de Estudos Antigos e Medievais, 2018, Londrina, PR. Universidade Estadual de Londrina.

BARROS, José D'Assunção. **História Política: Dos objetos tradicionais ao estudo dos micropoderes, do discurso e do imaginário**. Revista Escritas, [S. l.], v. 1, 2015. DOI: 10.20873/vol1n0pp%p. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/escritas/article/view/1278>. Acesso em: 4 out. 2024.

BARRERA, Ana. **Breve Historia de Escocia: ¡Por Fin la Historia de Escocia en Español!**. Publicado de forma independente, 2021. Edição Kindle.

BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal**, ed. Globo, 2012.

BERSTEIN, Serge. **A Cultura Política**. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (diretores). Para uma história cultural. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 349-363

BROWN, C. **The Second Scottish Wars of Independence, 1332-1363**. ed. Tempus Publishing Limited, 2002.

——— **Bannockburn: The Scottish War and the British Isles 1307-1323: The Scottish War and the British Isles 1307-1323**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. São Paulo: Martins Fontes, 1987
- COSTAIN, T. B. **The Three Edwards**. New York: Doubleday, 2011.
- FALCON, Francisco. **História e Poder**. In: \_\_\_\_ CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- FRANCO JR., Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- IRACHETA, V. Inés. **Las Guerras de Independencia de Escocia (Siglos XIII - XVI)**. Universidad del País Vasco. 2020.
- JONES, Michael. **England and Her Neighbours, 1066-1453: Essays in Honour of Pierre Chaplais**. ed. Bloomsbury Academic, 1989.
- KIFFER, André Geraque. **Batalha de Bannockburn, 24 de Junho de 1314**. ed. Clube de Autores, 2019.
- MCNAIR SCOTT, R. **Robert the Bruce: King of Scots. Edinburgh**. ed. Canongate Books, 2014.
- MCNAMEE, Colm. **Robert Bruce: Our Most Valient Prince, King and Lord**. ed. Birlinn Ltd, 2012.
- MCNAMEE, Colm. **The wars of Bruces: Scotland, England and Ireland 1306-1328**. ed. Birlinn Ltd, 2012.
- NÉSPOLI, José Henrique Songolano. **Cultura Política, História Política e Historiografia**. Revista História e Cultura, Franca, v. 4, n. 1, p. 361-376, mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.18223/hiscult.v4i1.1341>. Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1341>
- ORAM, R. **The Lordship of the Isles**. Boston: Brill, 2014.
- PRESTWICH, Michael. **Plantagenet England 1225-1360**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- PRESTWICH, Michael. **The Three Edwards: War and State in England 1272–1377**. ed. London: Routledge, 2003.
- RIBEIRO, Marília D A. **Um olhar sobre o movimento separatista Escocês: História, Identidade e Nacionalidade**. 2019. 93 f. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ / FGV, 1996.
- SANTIUSTE, D. **The Hammer of the Scots: Edward I and the Scottish Wars of**

**Independence.** Barnsley: Pen and Sword Books, 2015.

SIMPKIN, D. **The English aristocracy at war: from the Welsh wars of Edward I to the Battle of Bannockburn.** Suffolk: Boydell Press, 2008.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média.** Tradução de Carlota Boto. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

### **Filmografia**

CINEMA. **Coração valente.** Direção: Mel Gibson. Estados Unidos: Icon Productions, 1995. 177 min.

CINEMA. **Outlaw King.** Direção: David Mackenzie. Reino Unido: 12th Street Films, 2018. Duração: 121 min.